

**CONTAS DE 2020** 

## **Activo do BFA nos 5** mil milhões USD Pág. 11





HÁ QUASE DOIS ANOS

Banco digital à espera do BNA

**OPINIÃO** António Vieira, ex-director da Cobalt Angola

A Luanda da Sonangol

MOMENTOS "SOMBRIOS" NA INSTITUIÇÃO

• Contas bancárias não são movimentadas pela nova directora

• Dinheiro de parceiros para projectos é 'desviado' para outras despesas

• Há queixas de "ingerências" do ministro da Economia e Planeamento

• Todos os inquéritos estão parados, com excepção do IPCN

18 de Janeiro 2021 Segunda-feira



**EXERCÍCIO TRANSACTO** 

**Petróleo** garante 99% do investimento directo

GILBERTO SIMÃO, PRESIDENTE DAS INDÚSTRIAS PANIFICADORAS

"O Governo está protegido por grandes importadores que têm as fileiras do pão"



2 | Valor Económico

## Editorial

## NÃO MATEM A REPUTAÇÃO DO INE

s notícias que nos chegam sucessivamente do Instituto Nacional de Estatística

(INE), desde o ano passado, são desoladoras. E ressuscitam o risco da anulação de um esforço de credibilização do INE e das estatísticas nacionais que exigiu décadas.

Primeiro, foram as denúncias, em Outubro, sobre a possibilidade da falsificação das contas nacionais por decisão política. Ao que circulou na imprensa, o INE teria sido obrigado a adulterar os números referentes à evolução do PIB no segundo trimestre, por ordens superiores, uma vez que as contas seriam divulgadas à porta do discurso de João Lourenco sobre o 'estado da Nacão'. Nunca tendo sido confirmados, até pela controvérsia técnica que encerram (há especialistas que afirmam ser impossível a adulteração das contas, uma vez que são acompanhadas por organismos internacionais), o certo é que os factos ressuscitaram o período de má memória em que ninguém dava o mínimo de credibilidade ao trabalho do INE e, claro, às estatísticas oficiais.

Mas, desta vez, o VALOR traz outras revelações que sustentam esta inexplicável obsessão do Governo de desfazer a reputação que, entretanto, o INE conseguiu conquistar nos últimos anos. Mais do que as dificuldades financeiras que, em parte, poderão ser justificadas pela conjuntura de escassez de recursos públicos, reportam-se "ingerências" do ministro da Economia e Planeamento, Sérgio Santos, que minam a autonomia que é exigida a uma instituição com as funções do INE.

Nos anos mais recentes, situações semelhantes que tenham sido de conhecimento público ocorreram em 2017, quando o VALOR denunciou que o então ministro Job Graça havia condicionado a divulgação das contas nacionais, por divergências metodológicas. Muito criticado sobretudo por especialistas, na altura, o governante foi ao ponto de equacionar uma auditoria aos dados do INE. Tentativa que foi interpretada como uma manobra que visava retardar a divulgação do desempenho negativo da economia, quando as eleições eram esperadas em Agosto do mesmo ano. Ainda assim, o instituto pôde manter a credibilidade até então conquistada intacta, uma vez que as divergências com o ministro se tornaram públicas e, no rescaldo da contenda, divulgou os dados conforme os havia apurado.

Os detalhes de "ingerência" de que se fala agora são, de longe, mais escandalosos. E porque, no limite, se arriscam a pôr em causa até a estabilidade da relação que se conseguiu consolidar com parceiros internacionais relevantes, talvez seja o momento de se começar a pensar numa solução que garanta, de forma mais definitiva, a autonomia que é esperada do INE. Talvez se deva comecar a equacionar a sua desligação umbilical do Planeamento e de qualquer outro departamento ministerial que exista ou que venha existir.





## FICHA TÉCNICA

**Director-Geral:** Evaristo Mulaza **Directora-Geral Adjunta:** Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira

**Redacção**: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo **Fotografia:** Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca

Secretária de redacção: Rosa Ngola Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló Colaboradores: Cândido Mendes, EY e Mário Paiva Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 00 Nº de Registo do MCS: 765/B/15 GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração: Geovana Fernandes Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel **Departamento Comercial:** Geovana Fernandes

**Tel.:** +244941784790-(1)-(2) **N° de Contribuinte:** 5401180721

 $N^{\circ}$  de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

**Endereço:** Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola;

222 320511 Fax: 222 320514 **E-mail**: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

## A semana





**JOÃO GONÇALVES,** presidente da Ahoresia

#### Novo ano, novos projectos?

Parar é morrer, como se diz no jargão popular. Em Dezembro, através da Câmara de Comércio e Indústria de Angola, demos a nossa contribuição a um estudo que está a ser levado a cabo pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre a formalização da nossa economia.

## O que a associação propõe nesse estudo?

São muitos anos de desordem entre o formal e o informal. Por isso, a nossa contribuição é no sentido de caracterizar a instabilidade económica, o défice fiscal, a vergonhosa dependência da importação e a falta de fomento da produção interna, bem como de políticas públicas adequadas.

## O Turismo juntou-se à Cultura e ao Ambiente...

O ministro Jomo Fortunato não deve 'adormecer à sombra da bananeira'. Antes do início do ano, procedemos à entrega de um projecto ao seu gabinete, para um concurso sobre gastronomia nacional na Ilha de Luanda. Com isso, pretendemos realçar a nossa identidade gastronómica. A iniciativa visa também realçar o potencial da pesca e hábitos dos ilhéus, para saudar o Dia da Cidade de Luanda. Infelizmente, até agora, não recebemos nenhuma resposta.

O Ministério das Finanças anuncia que a aprovação da quarta revisão do Programa de Financiamento Ampliado (EFF), pelo Fundo Monetário Internacional, representa a "valorização das reformas em curso no país".

A Agência Angolana de Regulação e Supervisão (Arseg) revoga a licença da sociedade Garantia Seguros, "por inexistência de garantias financeiras" por parte da empresa.



## **SEGUNDA-FEIRA**

A Direcção Nacional de Desenvolvimento do Comércio Rural promete criar programas de aproveitamento e agregação de valor da produção de mandioca, com colheita estimada em mais de 11 milhões de toneladas/ano.

UITA - FEIRA

**QUARTA-FEIRA** 

ERCA - FEIRA

O secretário de Estado para o Planeamento, Milton Reis, anuncia que o Relatório sobre a execução do Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN), referente a 2020, poderá ser concluído no final deste mês.



O presidente do conselho de administração do Grupo Endiama, José Ganga Júnior, reitera que o hotel Diamante e a companhia Enditrade vão ser privatizados ainda este ano.



O secretário de Estado dos Transportes para a Aviação Civil, Marítima e Portuária, Carlos Borges, anuncia que a criação de terminais marítimos, ao longo da costa, vai criar pólos de desenvolvimento na zona de implantação do termi-



nal e do território adjacente.

A Polícia Nacional, a Administração Marítima Nacional e a Autoridade Aeronáutica vão exigir comprovativo de pagamento do Imposto sobre Veículos Motorizados (IVM), de 2020, nos casos de reemissão de documentos de veículos, alertam as autoridades.







PETRÓLEO NÃO RESISTE...

O petróleo começou a semana a recuar fruto das preocupações levantadas pelos crescentes casos de covid-19 no mundo. O brent, referência às exportações angolanas, iniciou a negociar a 54,82 dólares, caindo 0,51%. Já o WTI teve perda de 0,25%, ao iniciar a negociação a 52,23 dólares.



OURO, PRATA E COBRE SEGUEM ANIMADOS...

Em sentido oposto, o ouro subiu 0,38%, ao negociar as entregas de Fevereiro a 1.836,80 dólares por onça troy. A Prata obteve ganhos de 0,58% nas entregas de Março, ao negociar 25,010 dólares por onça troy. Enquanto o cobre registou ganhos de 0,32% ao negociar a 3,6135 dólares por libra-peso as entregas para o mesmo período.

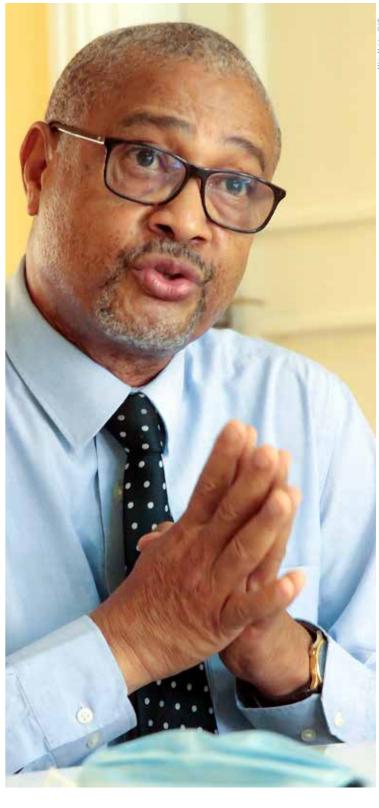
4 | Valor Económico

## Entrevista

GILBERTO SIMÃO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS PANIFICADORAS DE ANGOLA

# "Há províncias onde o pão é feito só por estrangeiros"

Líder associativo ataca o que chama de cartéis do pão, dominados por estrangeiros. No entanto, ressalva que não é contra os estrangeiros, mas sim contra as políticas que impedem que um angolano possa ter uma padaria. E acredita que isso está a afunilar os produtores nacionais. Gilberto Simão aponta soluções e alerta que quer evitar o "descontrolo total", insistindo na "intervenção do Governo". Defende que os bancos deveriam colaborar, mas só colocam barreiras.



Por Júlio Gomes

# ue análise faz do sector? A nossa associação anda na labuta há sete anos e o que identificámos é a falta de disciplina na panificação. Se não houver as mesmas oportunidades de negócio, estaremos condenados a afundar.

### O que provoca esse declínio?

Não interessa saber quem está na panificação se é nacional ou estrangeiro. O que defendemos é que se acabe com a concorrência desleal. O estrangeiro chega ao país de 'pára-quedas' e traz consigo financiamento, por exemplo, de 100 mil dólares, a um ou dois por cento, mas o nacional, quando vai a um banco, não consegue crédito. Lá os bancos até agradecem quando lhes pedem dinheiro, aqui é o contrário. É exactamente aí onde reside o problema.

#### O que se pode fazer?

Para criarmos um bom ambiente

de negócio, temos de ter oportunidades iguais. Até à gestão centralizada da economia, em 1990, o sector da panificação estava a 100% nas mãos de angolanos e funcionava. Só em Luanda, tínhamos uma central de abastecimento, com três moageiras: Kwaba, Kikolo e Intercomercial Moagens. Tínhamos as importações controladas. Com a 'senhora liberalização', entraram os estrangeiros e mataram a nossa indústria. Mas, quando começou a liberalização, a nossa indústria produzia de tudo um pouco: pneus, pilhas, fósforos, sacaria farinha de trigo, portanto, tudo funcionava.

## Mas era necessário mudar para outro modelo económico, não?

O que se passou foi o açambarcamento do mercado, através do 'dumping' e derrubaram a nossa produção industrial. Foram criadas empresas, todas de cunho nacional e tituladas por altas patentes e governantes, que foram entregues à gestão desses estrangeiros que 'caíram de pára-quedas'. E assim conseguiram asfixiar a nossa indústria através das importações de baixo custo, ou seja, a nossa produção encareceu e tornou-se insustentável.

## Pode esclarecer melhor?

Naquela altura, a nossa Kwaba, por exemplo, vendia o saco de farinha a 3.000 kwanzas. O estrangeiro entrou no negócio para vender o saco a mil kwanzas. Assim, a Kwaba fechou por falta de protecção do Governo. Isso ocorreu com todas as outras unidades de produção em outros sectores. Portanto, não houve controlo, nem disciplina. Logo, como diz um velho adágio, 'na terra de cego quem tem olho é rei'.

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

# Estamos num sistema de capitalismo selvagem. O único sistema em que de facto os angolanos eram os verdadeiros donos da economia era o sistema produção e de gestão centralizadas.

#### Esse ambiente prevalece?

Se o Governo não toma medidas, nós não vamos resistir.

## Mas o negócio do pão está há muito perdido para os estrangeiros...

Neste momento, com toda a certeza, há províncias onde o pão é na totalidade feito por estrangeiros. Porque, sendo uma coisa tão fácil de fazer? Depois, vêm alguns dos nossos governantes a justificar que os angolanos são preguiçosos, não gostam de trabalhar, ao contrário dos 'mamadus', que trabalham de manhã até à noite. Nós não somos e nunca fomos preguiçosos, o que falta são oportunidades.

## Não têm levado essas inquietações ao Governo?

Estou à vontade para falar, porque estou engajado no comércio, na agricultura e na indústria. Neste último sector, tenho pessoas que estão a chorar, porque tinham padarias que funcionavam com 100 a 200 sacos de farinha, por dia, e de repente, passaram para irrisórios 10 sacos. Isso acontece, porque, ao lado da nossa padaria, está um estrangeiro, que, com dinheiro fácil que traz do país de origem, aluga uma mercearia do vizinho, transforma-a numa padaria e passa a comercializar o pão a baixo custo. Se eu vendia a 25 kwanzas, ele [estrangeiro] passou a 10 kwanzas. Portanto, não é só combater as consequências, é preciso atacar as causas que levaram o angolano a alugar a sua infra--estrutura e o alvará.

## A qualidade do pão também é questionável?

Claro, porque ninguém cumpre, não há organização, nem disciplina. Aliás, não é só o pão que não tem os gramas recomendáveis, mas a higiene no fabrico também está em causa e isso é pior.

## É conhecido o universo de empresas do sector?

Não controlamos o universo de padarias. Nos outros países isso acontece e osgovernos têm um parceiro que se chama associação. O governo capacita as associações e é isso que aqui não temos. Quando falamos em capacitação, não é pedir dinheiro do Orçamento Geral do Estado, mas sim a terciarização dos serviços que o Governo pode dar.

## De que forma?

Por exemplo, chega um investidor

### PERFIL

"Os pais lutaram pelo MPLA e eu nasci e cresci no MPLA", começa por se definir Gilberto Simão que tem o 'umbigo' enterrado no Kwanza-Norte, onde também preside à associação de empresários locais. Com a perda do pai e do avô, que seria preso pela PIDE, então, na altura, já com o curso geral de comércio, começou a trabalhar, aos 16 anos, em 1971, em Luanda. Por concurso público, entrou para o Banco de Crédito Comercial e Industrial. Economista, formado pela Universidade Agostinho Neto, Gilberto Simão viria a ser chamado, em 1979, a dirigir a Fibrex, em Viana. "Quando assumi a direcção da fábrica, havia apenas 20 trabalhadores. Deixei-a com 200 operários e com uma produção a substituir 50% das importações em termos de tubos de pvc, sacaria, entre outros. A produção caiu, quando entraram os 'pára-quedistas", lembra o gestor visivelmente agastado, mas considera que "quando falamos não estamos contra os estrangeiros, mas contra o ambiente de negócios que não é bom". "Se reparar, as grandes fábricas nos pólos industriais estão a ser adquiridas ou por 'marimbondos', ou por estrangeiros, porque nós não temos dinheiro e os bancos não emprestam", remata.

que quer montar uma padaria. Antes de se dirigir ao Ministério da Indústria e Comércio fala com a associação que conhece e tem especialistas com os quais pode trabalhar e, em três dias, tem o alvará em vez de demorar um mês. Quando se fiscaliza uma padaria, se tem condições de higiene, ou não, também a associação devia ser convidada. Logo, é essa capacitação que queremos e que não está a acontecer. O Governo prefere fazer tudo sozinho.

## Mas os vossos apelos têm chegado aos órgãos de decisão política?

Andamos a apelar ao Governo há anos, que, para um investidor abrir uma padaria, deve ter em frente um técnico capacitado com carteira de padeiro. É fácil e não precisamos de grandes centros de formação para habilitar esses profissionais. Com os nossos associados, médias e grandes empresas podem formar essas pessoas e formalizar a actividade por meio de regulamentos.

## Não falta alguma 'agressividade' da vossa parte?

Conseguimos reunir toda a documentação e a associação foi legalizada e os estatutos publicados em Diário da República. Tudo feito num mês, mas o problema é que a associação não é tida nem achada, por não ter nada a dar em troca.

## O que isso significa?

Por altura da nossa constituição, o saco de farinha estava a 30 mil kwanzas. O que nós fizemos? Fomos aos ministérios e contactámos as grandes empresas grossistas que vendem farinha de trigo para trabalhar connosco, mas ninguém aceitou, porque também sou importador e nessa condição podia trazer o saco de farinha a cinco mil kwanzas, quando no mercado o preço já estava inflacionado pelo cartel controlado por

libaneses. Não aceitaram, mas, ainda assim, assinámos um acordo com o Ministério do Comércio e conseguimos, com muito esforço, importar, através do Entreposto Aduaneiro de Angola, farinha de trigo que passou a ser comercializada a sete mil kwanzas e assim beneficiamos os nossos associados. Isso funcionou durante seis meses, portanto, fomos capacitados pelo Governo para apoiar os nossos filiados, mas depois os grandes importadores deram cabo do negócio do Entreposto. Os libaneses, que estavam a vender a 30 mil kwanzas o saco, baixaram para cinco mil kwanzas.

O cartel é produtor, importador, exportador, comerciante e distribuidor. Tem milhares de padarias espalhadas pelo país com trabalhadores expatriados a viver em péssimas condições como escravos e nem sequer pagam impostos.

Se o Governo não tomar medidas, não vamos resistir. O Entreposto começou a ficar sem clientes, não resistiu e faliu.

## Agora a lógica é pela redução das importações...

Aplaudimos a medida de reduzir as importações. Mas, na importação, se quer destruir o outro, se a tonelada estiver a 300 dólares, pode importar a 200 dólares, falsifica a factura e vende mais barato e, por vezes, não é uma boa farinha, mas como ninguém controla, vende-se mais barato...

## Há produção interna capaz de satisfazer o consumo?

Estamos a viver outra vez o mesmo problema. O Governo pensou bem em acabar com as importações e aumentar as taxas de importação, mas estamos com dificuldades novamente. Temos alguma capacidade de produção interna, mas, das três moageiras, a Grandes Moagens não quer nada com a associação.

#### Porquê?

É um problema que queremos colocar ao ministro. Alegam que têm a sua produção já adquirida em 50% e o resto vai para a Angoalissar. Hoje, o angolano não tem dinheiro para comprar grandes quantidades de farinha e fabricar pão. É um problema que queremos colocar ao ministro, porque, quando tentamos comprar, ficamos um mês à espera da mercadoria e o filiado não pode ficar muito tempo à espera. Além disso, nem sempre nos dão uma margem de lucro. Criámos uma cooperativa, recebemos o dinheiro dos associados e quando vamos ao importador temos problemas. A Grandes Moagens vende a um preço sem margem de manobra.

## O caso nunca chegou ao Governo?

Vontade não nos falta, procuramos urgentemente falar com a nova direcção do Ministério, porque só concertando ideias e planos de trabalho, podemos organizar o nosso sector. Há um mês, telefonei ao senhor ministro da Indústria e Comércio e estamos a aguardar pela audiência. Como é que vemos toneladas da nossa farinha de trigo de produção nacional a serem exportadas para alguns países vizinhos, nomeadamente a República Democrática do Congo e ninguém diz nada.Com abertura da Zona de Comércio Livre da região e do continente, as coisas podem ficar ainda piores para o nosso



Continuação na página 6

6 | Valor Económico

## Entrevista

#### Continuação da página 5

lado, porque temos uma estrutura de custos muito elevada. Não estamos contra a projecção dos nossos produtos além-fronteiras, mas tem de ser aqueles que já satisfazem o mercado interno. A farinha produzida não satisfaz o consumo e quando é exportada é complicado. Alguém tem de pôr mão nisso.

#### E o preço do pão?

O preço da farinha está a 20 mil kwanzas. Não é preciso ser economista. A nossa estrutura de custos, que apresentámos ao Mistério das Finanças, traduz que o pão tem de ter 70 gramas e a farinha deve custar, no máximo, 15 mil kwanzas. Aliás, a 20 mil kwanzas o saco, quem é o angolano que resiste a vender o pão de 70 gramas a 35 kwanzas a grosso e 45 kwanzas a retalho? O preço do pão tem de estar indexado ao da farinha. Portanto, deve haver intervenção do Governo, porque qualquer dia vai haver uma manifestação. Nós próprios, para sermos constituídos, tivemos de arregimentar os industriais à porta do Ministério para fazer barulho. Temos de evitar que isso volte a acontecer na base da concertação urgente. Se não houver concertação, pode acontecer um descontrolo total.

#### E...

O Governo até agora está protegido por grandes importadores que têm as fileiras do pão. O cartel é produtor, importador, exportador, comerciante e distribuidor. Ou seja, tem milhares de padarias espalhadas pelo país com trabalhadores expatriados a viverem em péssimas condições como escravos e nem sequer pagam impostos.

Gerem padarias e empregam dois ou três estrangeiros que não têm feriado, doença, nem óbito e vivem nas mesmas instalações, onde fabricam o pão.

## Tem exemplos?

Uma vez, visitei uma padaria numa província e encontrei três estrangeiros cujo salário era pago lá fora, ou seja, no país de origem, e não pagam imposto industrial nem segurança social. Eu sou angolano, tenho de cumprir o horário de trabalho, pagar impostos, salários e tenho fiscais à perna todos os dias, mas o meu amigo estrangeiro ao lado está numa boa. Tem um cartel que lhe traz a farinha de trigo, fermento e tudo e não tem condições nenhumas.



Foram criadas
empresas, todas de
cunho nacional e
tituladas por
altas patentes e
governantes, que
foram entregues à
gestão de estrangeiros
que 'caíram de
paraquedas'. E assim
conseguiram asfixiar a
nossa indústria.

Isso não se passa apenas nas padarias. Ocorre até no comércio geral onde já não há angolanos a vender óleo, fósforos, sabão, por exemplo. Tudo controlado por eles e é difícil concorrer neste cenário.

## 'Perderam as rédeas', é isso?

(Risos). Estamos num sistema de capitalismo selvagem. Depois da liberalização da nossa economia é como dizia o saudoso Presidente Agostinho Neto: 'Angola tornou-se num corpo inerte onde cada abutre vem debicar o seu pedaço'. Só assim se compreende o estado em que nos encontramos. O único sis-

Para criarmos um bom ambiente de negócio temos de ter oportunidades iguais.

tema em que de facto os angolanos eram os verdadeiros donos da economia era o sistema produção e de gestão centralizadas.

## Um regresso ao passado...

Exactamente! Tenho muitas saudades daquele tempo.

## Voltemos à formação. Disse que, no sector, a formação 'não rouba tempo nem espaço'...

No nosso sector de produção, não precisamos de técnicos superiores. Para fazer pão, não é preciso ter técnicos superiores. Se o senhor quiser montar uma padaria, em três meses posso formar um quadro. Fazer pão é fácil, o que se precisa são apenas instrumentos legais que sejam respeitados por nacionais e estrangeiros.

## PRODESI BOM, MAS... Como olha para as soluções económicas do Governo?

O Governo foi feliz ao conceber um

Não estamos contra a projecção dos nossos produtos além-fronteiras, mas tem de ser aqueles que já satisfazem o mercado interno. A farinha produzida não satisfaz o consumo.

bom programa que se chama Prodesi, criou um programa de apoio ao crédito, mas, simplesmente, peca na implementação, porque arranjou um interlocutor chamado banca e pôs as empresas a negociar directamente com os bancos. Isso está errado.

## Os bancos não servem?

Os bancos são necessários, têm de intervir, mas é preciso criar uma nova pirâmide em que aparecem o Governo, os bancos, mas sobretudo as cooperativas de crédito. No Brasil, visitei cooperativas com um milhão de filiados que conseguem reunir 50 a 100 milhões de dólares. Se tiver um milhão de filiados e pedir uma joia de 50 dólares, terá à vontade 50 milhões de dólares e, com

esse dinheiro, já se pode negociar com um banco qualquer. É isso que nós queremos. Depois temos de ter cooperativas polivalentes que prestem assistência às bases que são as micro e pequenas empresas. Estas não devem negociar directamente com os bancos. No nosso caso, quando lá vão, deparam-se com uma rocha, ou seja, com 30 requisitos e assim nada conseguem, morrem ali.

## As cooperativas são, portanto, a solução?

Precisamente. As associações devem mobilizar cooperativas de crédito que negoceiam com os bancos, mas não financiam directamente a micro empresa, esse papel é da cooperativa polivalente. Esta garante assistência técnica, ou seja ajuda na elaboração de projectos, desmatação de terreno, correcção dos solos, terraplanagem, sementeira e colheita. Portanto, a cooperativa polivalente deve ter agrónomos e meios como tractores para dar assistência a essas empresas. É essa nova dinâmica de apoio que o Governo devia ter agora no início do ano para evitar o colapso.

## E esse conselho pode ser acatado?

Os bancos têm características próprias, foram criados para ganhar dinheiro e quanto mais dinheiro melhor. Uma cooperativa de crédito não é para ganhar dinheiro, o seu objectivo não é o lucro, mas a solidariedade mútua.

## Fala-se muito numa agricultura que não acontece...

Temos empresas com processos em mãos há um ano porque são muitos os documentos que lhes solicitam. Temos associados com currículo, mas não têm bilhete de identidade. Então ali deve actuar a cooperativa para ajudar esse ente. Mas os promotores destas iniciativas devem viver na área de produção. O requisito que deve haver é que o promotor de um projecto tem de ter currículo e com residência fixa no campo. E, através da associação, recebe formação para gerir o financiamento que receba. Se isso funcionar, em vez de fechar, vão abrir mais empresas. Mas, se tivermos as micro e pequenas empresas a ir directamente aos bancos, devemos esquecer o crescimento económico de que se fala por via da agricultura. Aliás, reitero, os bancos querem dinheiro. Se eu tiver 100 mil dólares e pedir um financiamento de 200 mil dólares, o banco larga imediatamente. E qual é o angolano que, neste momento, tem 100 mil dólares?

# MUITOS ANOS A CELEBRAR CONSIGO

2020 foi um ano de muitos desafios mas, juntos, sempre juntos, mostrámos a nossa força e vamos celebrar mais um Natal com os nossos Clientes!

O Banco BIC e o BIC Seguros, desejam-lhe Festas Felizes!





8 | Valor Económico

## Economia/Política

INSTITUIÇÃO VIVE DAS AJUDAS DOS PARCEIROS INTERNACIONAIS

# INE 'paralisado' e sem dinheiro para inquéritos



**ESTATISTICAS.** Fontes próximas da instituição falam em dias "sombrios", alimentados por várias "incertezas". Há queixas de "ingerência" do ministro da Economia e as contas bancárias não são movimentadas, por falta de alterações de assinaturas nos bancos. Vá-rios projectos encontram-se parados.

Por Isabel Dinis

e todos os inquéritos que constam dos planos do Instituto Nacional de Estatística (INE), apenas o Índice de Preços do Consumidor Nacional (IPCN) continua a sair regularmente. Os restantes estão paralisados por falta de verbas.

Um deles é relativo ao primeiro

recenseamento Agro-pecuário e Pescas (Rapp), que começou oficialmente a 16 de Agosto do ano passado, e cuja cerimónia foi presidi-da pelo ministro do Estado para a Coordenação Económica, Manuel Nunes Júnior. Nem a formação dos inquiridores está concluída, apesar de a previsão apontar para Abril deste ano. Mas, mesmo com a formação por terminar, a instituição arrancou com o Rapp só que agora está paralisado.

O VALOR sabe que em situação idêntica se encontra o Recenseamento de Empre-sas e Estabele-

cimentos (Rempe), que arrancou a 4 de Março, em Luanda. A con-clusão do Rempe está suspensa e os técnicos não vão ao terreno por falta de dinhei-ro, além de faltarem verbas para pagar a fornecedores e colaboradores.

No início de Outubro do ano passado, o director-adjunto do INE, Paulo Fonseca, previa a conclusão do Rempe para a primeira quinzena desse mês. Mas isso não aconteceu. Na altura, num evento promovido pelo Ministério da Economia e Plane-amento, Paulo Fonseca sublinhou que a

recolha de informação estava a decorrer com 65 equipas diárias no campo, com 30 entrevistas por equipa de quatro recen-seadores e que já tinham contabilizado mais de sete mil empresas.

## DESPESAS SUPORTADAS POR PARCEIROS INTERNACIONAIS

Desde Outubro, altura da mudança de chefias no INE, que a instituição tem a mudança de assinaturas nos bancos em 'standby'. Camilo Ceita deixou o cargo e foi substituído por Channey Rosa

## **MEMORIZE**

Desde Outubro, altura da mudança de chefias no INE, que a instituição tem a mudança de assinaturas nos bancos em 'standby' o que provoca condicionalismos para fazerem-se pagamentos a eventuais, como a despesa com inquiridores e empresas subcontratadas.

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021
Valor Económico | 9

A CONSULTORA FITCH Solutions alerta que o risco de instabilidade social vai continuar elevado devido ao descontentamento com a crise que o país atravessa, estimando que o Governo vai prosseguir as reformas para melhorar o ambiente empresarial.

John, provinda do Ministério das Finanças. No en-tanto, a troca de nomes nos bancos ainda não foi efectivada. E com isso também surgem os condicionalismos para fazer pagamentos a eventuais, como a despesa com inquiridores, empresas subcontratadas e outros colaboradores contratados para os inquéritos.

As despesas para eventuais têm sido suportadas por verbas de parceiros internacio-nais, ou seja, a instituição tem canalizado dinheiro de projectos para fazer face a es-tes pagamentos.

O VALOR sabe também que há dois anos que o INE não recebe a dotação do Mi-nistério das Finanças, inscrita no Orçamento Geral do Estado, e que serve para despesas correntes, fora os salários. Só os trabalhadores efectivos do instituto têm rece-bido os salários mensais, por que são suportados pelo Ministério das Finanças.

### **ACUSAÇÕES DE INGERÊNCIAS**

O Ministério da Economia e Planeamento tem conhecimento de todos os problemas que o INE enfrenta. Aliás, o VALOR sabe que o ministro Sérgio Santos, interna--mente, é acusado de "ingerências". Já realizou diversas reuniões com técnicos supe-riores do INE, não de topo, em diversas ocasiões, incluindo aos sábados. Um desses encontros decorreu dias antes da saída de Camilo Ceita da liderança do INE, sem que este tivesse tido conhecimento. O mesmo tem acontecido nos últimos tempos, mesmo com o INE com nova liderança.

De acordo com os estatutos, o INE deve ser independente de qualquer governo, como é prática comum em quase todas as instituições similares, um pouco por todo o mundo.

Contactado pelo VALOR, o ministro Sérgio Santos negou que faça qualquer inter-ferência no INE de que é acusado. O ministro explica que as reuniões no INE fazem parte das responsabilidades do Conselho Nacional de Estatística (CNEST), que se reúne ordinariamente duas vezes ao ano e cuja primeira reunião aconteceu em Maio do ano passado, ainda com o antigo ministro da Economia, Luís da Fonseca.

Sérgio Santos garante que não se reúne no INE independentemente, mas com todos os membros do CNEST que inclui Órgãos Delegados do INE (Odine), Banco Na-cional de Angola (BNA) e o próprio INE. Mas as informações do VALOR contra-riam o que afirma o ministro. O VALOR sabe que o ministro reuniu inclusive com responsáveis sindicais do INE. As reuniões do CNEST são formais e organizadas em tempo prévio e não devem ser feitas constantemente como o ministro tem feito.

O VALOR tentou, junto da assessoria do INE, perceber, via oficial, o que se passa e o que leva o instituto ao estado que chegou, mas ao fim de mais de uma semana e com insistência não obteve sucesso.

### **CEITA SAI E PEDE RESPEITO**

Depois de nove anos à frente do INE, o antigo director Camilo Ceita foi afastado. Na hora da saída, pediu respeito. Camilo Ceita garantia, na hora da substituição, que soube que iria deixar o cargo através das redes sociais. E não escondeu a surpresa. Não lhe chegou à mão qualquer comunicação do Ministério da Economia e Plane-amento. Mas o comunicado ministerial já circulava na internet dando conta da no-meação Channey Rosa John.

Mais do que surpreendido, Camilo Ceita não escondeu a indignação e escreveu que estava à espera de "algum respeito e consideração". Num mail endereçado aos antigos colaboradores, a que o VALOR teve acesso, agradeceu os anos em que trabalharam juntos. Camilo Ceita termina por lembrar aos antigos colegas para res-peitarem sempre os outros. "Não se esqueçam nunca: respeitem para merecerem respeito", uma mensagem que foi lida como um recado para quem o substituiu e pela forma como foi substituído.

Não tardaram depois deste episódio as teorias sobre as razões que levaram à exone-ração de Camilo Ceita. O renomado economista Alves da Rocha admitiu, num arti-go de opinião no Jornal Expansão, que Camilo Ceita tinha sido exonerado por se ter recusado a adulterar as Contas Nacionais do II trimestre do ano passado para o discurso de João Lourenço sobre o Estado da Nação. O economista salientava que, depois desta interdição, deixará de voltar a acreditar na veracidade das estatísticas nacionais. Camilo Ceita nunca confirmou nem desmentiu esta informação, remeten-do-se ao silêncio público desde Outubro.



NOS PRIMEIROS TRÊS TRIMESTRES DE 2020

# Petróleo garante 99% do investimento directo

A

carteira de investimento directo em Angola registou entrada de 4.444,3 milhões de

dólares, entre Janeiro e Setembro de 2020, período em que se registou a saída de 5.449,8 milhões de dólares, resultando em um saldo negativo de 1.005,5 milhões de dólares.

em um saldo negativo de 1.005,3 milhões de dólares.

De acordo com dados preliminares do Banco Nacional de Angola, o sector petrolífero é responsável por grande parte das entradas com cerca de 4.354,5 milhões de dólares ou 97% do total. E foi o responsável pela exportação de 100% do capital resultante do investimento directo no país. Assim, o sector petrolífero garantiu mais de 99% da carteira do investimento directo em Angola entre

97%

**Taxa** do sector petrolífero no volume total investido até Setembro de 2020

Janeiro e Setembro de 2020. Em termos comparativos, os números indicam que se vai registar uma redução considerável face a 2019. Ao longo dos doze meses do ano passado, o investimento directo estrageiro permitiu a entrada no país de 8.093,7 milhões de dólares e a exportação de 12.192,2 milhões de dólares, resultando em um saldo de 4.098,5 milhões de dólares. O sector petrolífero também foi o principal responsável do saldo do investimento directo em Angola, garantindo

pouco mais de 92% das entradas e 100% do valor repatriado. Ao longo dos três anos de governação de João Lourenço (2018-2020), marcados pela aposta na atracção do investimento estrangeiro directo, entraram no país cerca de 20.073,7 milhões de dólares, uma redução de cerca de 40% face aos 33.446,8 milhões dos três anos anteriores que os investidores trouxeram entre 2015 e 2017.

## INVESTIMENTO NO ESTRANGEIRO SEM RETORNO

Por outro lado, os dados dão conta de que, ao longo dos nove meses de 2020, o investimento de angolanos no estrangeiro não proporcionaram qualquer retorno, pelo contrário permitiu a exportação de 18,6 milhões de dólares para investimentos no sector não petrolífero.

10 | Valor Económico

## Mercados & Negócios

FACILITARIA BANCARIZAÇÃO DOS INFORMAIS

# Banco digital à espera de 'luz verde' do BNA há quase dois anos

banca. Tem toda plataforma tecnológica pronta para começar a operar a qualquer momento. Segundo o CEO, a entrada no mercado gerará 400 mil empregos indirectos, constitui grande passo na formalização do sector informal para solução aos pagamentos digitais.

Por Guilherme Francisco

á passam quase dois anos desde que o Dubank, com um capital inicial de 12 milhões de dólares, deu entrada dos requisitos fundamentais para a certificação como banco digital junto ao Banco Nacional de Angola (BNA). Desde então, a direcção foi notificada para um encontro em Fevereiro do ano passado pelo órgão regulador que alegava, na altura, "não ser o momento favorável para o exercício da banca digital."

Mas o CEO do projecto, Sérgio



Hirose, não concorda e explica que, face à crescente necessidade de serviços digitais motivada pelas restrições impostas pela pandemia, o banco "facilitaria a vida" de muitas empresas que se debatem com problemas de garantir pagamentos digitais em segurança. Até porque, realça, "é uma questão de acompanhar o mercado, porque hoje está globalizado."

"Existe uma quebra de paradigma. Hoje, cada vez mais, o ser humano precisa de ter a conta digital, fazer as transacções digitalmente. O problema das grandes empresas é a questão dos pagamentos online, ou seja, os grandes problemas são as reconciliações bancárias", observa.

Outra valia enumerada pelo empresário é a facilidade de formalização de negócios, possibilitando, desta feita, a arrecadação de obrigações fiscais. Estima traba-lhar, logo tenha o aval do BNA, com 5% do mercado informal, tendo em consideração que estes são mais de oito milhões, o que "poderá resultar em mais de 400 milhões de empregos indirectos." Mas, para o efeito, o banco responsabilizar-se-á por educar financeiramente os informais. "Qual é a segurança de uma pessoa que vende no mercado do 30 ou zungueira? Ela tem a questão do roubo, não consegue fazer a gestão financeira e pagamentos online. Todo o mundo hoje tem telefone, este dispositivo facilita a bancarização", aponta.

Hirose aponta a "relutância" comum no arranque de qualquer "serviço inovador, dando o exemplo do 'Whatsapp'. "No início, muitos pensaram que não funcionaria, hoje, há quem não viva sem o aplicativo. Já há países em que se faz transacção através do mesmo", nota, descartando a possibilidade de desistência do projecto. "Vamos persistindo, sei que é algo novo para África, mas, para o mundo não, acreditamos no potencial do mercado e na glo-

balização. Foi um grande desafio entrar em Angola", afirma, esperançoso em obter a licença. E confessa ter recusado um convite das autoridades moçambicanas para abrir o banco digital naquele país.

O CEO do Dubank menciona também o que espera ser a receptividade pelo mercado. Nas suas contas, sem entrar em operação e sem qualquer divulgação, mais de 25 mil pessoas demonstraram o interesse em abrir uma conta no banco através do seu site.

Sérgio Hirose garante, a par dos empregos indirectos, a geração de 300 postos de trabalhos directos, justificando a estimativa com o facto de o banco não necessitar de instalações físicas espalhadas pelo país. O projecto integra também um serviço de call center 24 horas ao dia.

### APOSTA NO LIXO

Enquanto não recebe luz verde do BNA, o empresário de origem brasileira começou a investir na transformação de resíduos urbanos em matéria-prima, como adubo bio-orgânico e madeira biossintética, elemento que serve para o fabrico de contentores, plataformas e outros materiais de construção civil.

A fábrica BTC-ECO, com capacidade de transformar 100 toneladas de resíduos diariamente, estará instalada na Zona Económica Especial Luanda – Bengo (ZEE), numa parceria com a Agência Nacional de Resíduos e o extinto Ministério do Ambiente, contando com um investimento de 5 mil dólares para empregar mais de mil pessoas. O processo de transformação do resíduo permitirá a empresa entrar no mercado de energias limpas.

Além disso, o empresário projecta construir 1.200 casas autosustentáveis por ano, cujo prazo de durabilidade, estima, é de 100 anos.

## A PRIMEIRA TENTATIVA

O extinto Banco Postal foi apontado pelos seus promotores como aquele que viria a ter, no escopo, um segmento de negócio com características de um banco digital, replicando um conceito já desenvolvido em África, em países como o Quénia. Entretanto, em Janeiro de 2019, o BNA decidiu pela retirada da licença do banco, à semelhança do Banco Mais, com o argumento de alegada insufici-ência de capital, justificação que foi negada pelos donos do banco, desencadeando um processo judicial cujo desfecho ainda não é de conhecimento público.

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

Valor Económico | 11

A COMISSÃO DO MERCADO de Capitais (CMC) realiza até 31 de Março, um inquérito sobre o estado actual do mercado e sobre os grandes desafios do Mercado de Valores Mobiliários (MVM). O inquérito estará suportado por dois questionários, sendo um dirigido às entidades com participação relevante no MVM e outro, para o público em geral.



**CRESCIMENTO DE 10%** 

# BFA com activo perto dos 5 mil milhões USD

activo do
Banco de
Fomento
Angola (BFA)
cresceu 10%
para os 5
mil mi-lhões
de dólares, em 2020, adiantou o presidente da comissão executiva da enti-dade,
Luís Gonçalves, que precisou
os números do exercício anterior nos 4,5 mil milhões de
dólares.

Ainda em fase de conclusão das contas relativas ao ano passado, o CEO do BFA refere, sem precisar números, que o banco registou um decréscimo em re-lação ao ano de 2019, desempenho influenciado pelos quatro anos seguidos de recessão, agudizada pela pandemia. Apesar disso, explica, "foi um ano em que o banco continuou a manter a posição no mercado."

Quanto à investigação sobre eventuais operações de fugas de capital aberta pelo Banco Nacional de Angola no ano transacto, em resultado de denúncias feitas pelo antigo vice-presidente do BFA, António Domingues, Luís Gonçalves no-tou que o processo ainda decorre, desconhecendo o estágio em que se encontra. No entanto, afasta a possibilidade de tal ocorrência, justificando que "o banco está comprometido com o cumprimento de regras, sejam elas relacionadas com o branqueamento de capitais ou outras."

### BFA DISPONIBILIZA 240 MILHÕES KZ ÀCARIDADE

Para a terceira edição do 'BFA Solidário', estão disponíveis 240 milhões de kwanzas, a serem distribuídos para 12 organizações sem fins lucrativos com pro-jectos que envolvam crianças nas áreas da educação, saúde e inclusão social em qualquer parte do país. Desde a criação do Fundo Social, em 2004, a empresa apoiou mais de 280 projectos sociais, representando valores superiores a 25 mi-lhões de dólares.

Ainda dentro da sua responsabilidade social, o banco doou 5 milhões de dólares no ano passado ao Governo, no âmbito do combate à covid-19.

## Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



## **Assinaturas:**

assinaturas@gem.co.ao comercial@gem.co.ao



## GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792 Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola 12 Valor Económico Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

## DE JURE

NOVO DIPLOMA PRETENDE DINAMIZAR NEGÓCIOS

# Assembleia Nacional aprova Lei da Recuperação e da Insolvência

**LEGISLAÇÃO.** Produção do diploma resulta do facto de Angola ser dos poucos países sem um Regime Legal Autónomo sobre Insolvência, através do qual se declara, por sentença judicial, a situação económica difícil ou falta de liquidez de uma empresa.



A s s e m b l e i a
Nacional procede amanhã,
terça-feira (19),
à aprovação
final global da
Proposta de Lei
da Recuperação e da Insolvência,
um diploma jurídico de iniciativa
do Executivo, que abrange todas as
empresas nacionais e estrangeiras
instaladas em Angola.
Para o secretário de Estado

Para o secretário de Estado da Justiça, Orlando Fernandes, com este diploma, elaborado pelo Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos, o país poderá conhecer, a curto prazo, maior dinamismo na melhoria do ambiente de negócios, sendo que tem como base a protecção dos trabalhadores e outros interesses do Estado angolano.

"Qualquer empresa, seja estrangeira, seja nacional, pode passar por este processo", assegurou o dirigente em declarações à Angop.

De entre outras, a nova Lei aplica-se, especialmente, às sociedades comerciais, civis sob forma comercial, às associações e fundações, bem como às sociedades civis e cooperativas.

Caso seja aprovada a proposta, o documento poderá dar suporte económico às empresas em situação difícil e, por conseguinte, vai reduzir o risco do crédito, assim como deverá salvaguardar a insegurança e as incertezas jurídicas para os investidores, financiadores, fornecedores, trabalhadores e clientes destes agentes económicos.

Havendo créditos do Estado de empresas públicas, de instituições públicas ou de instituições de segurança social, o diploma prevê que o Ministério Público surja como defensor do interesse público, sem

## **MEMORIZE**

O Regime de Insolvência e Falência, a nível do sistema jurídico, encontra-se estatuído de forma sintética no Código de Processo Civil (CPC), que já não está adequado à actual realidade socioeconómica do país.

prejuízo da citação das referidas entidades, por carta registada.

O representante estrangeiro, ao abrigo deste instrumento jurídico, poderá apresentar um pedido de recuperação judicial ou de insolvência, sempre que houver condições para o efeito.

Após o reconhecimento de um processo estrangeiro principal, só poderá ser iniciado o reconhecimento de um processo estrangeiro ou de insolvência, nos termos da futura Lei, se o devedor possuir bens ou estabelecimentos em território nacional.

A produção deste documento resulta do facto de Angola ser dos poucos países sem um Regime Legal Autónomo sobre Insolvência, através do qual se declara, por sentença judicial, a situação económica difícil ou falta de liquidez de uma empresa.

A Proposta que aprova o Regime Jurídico do Processo de Recuperação de Empresas e da Insolvência está sistematizada numa parte preambular e outra no dispositivo composto por artigos, sendo o Regime Jurídico do Processo de Recuperação de Empresas e da Insolvência parte integrante da Lei.

Com 18 capítulos, 26 secções, três subsecções e 283 artigos, a Proposta de Lei foi aprovada na especialidade, por unanimidade, com alterações pontuais, a 7 deste mês.

## REGIME ACTUAL DESAJUSTADO

O Regime de Insolvência e Falência, a nível do sistema jurídico, encontra-se estatuído de forma sintética no Código de Processo Civil (CPC), que já não está adequado à actual realidade socioeconómica do país.

O regime em vigor estabelece um processo especial de falência para os devedores comerciantes, bem como um processo especial de insolvência para devedores não comerciantes ou particulares, sendo que, para os particulares, estão previstas "grandes remissões".

Actualmente, nos termos da actual legislação, a verificação do estado de falência depende de alguns pressupostos, como a "cessação de pagamento por quotas e sociedades anónimas", sendo que a falência pode ser declarada com fundamento na manifesta insuficiência do acto para a satisfação do passivo".

Outro pressuposto é a "fuga do comerciante ou ausência do seu estabelecimento, sem ter designado um gestor que o represente". Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021
Valor Económico 113

## Gestão



Por Redação

gigante produtora de automóveis eléctricos de última geração, cujo nome presta homenagem a um dos cientistas mais brilhantes da História - Tesla, é a responsável por fazer do seu fundador, Elon Musk, o novo homem mais rico de todo o mundo. Passou, segundo divulgado na semana passada, Jeff Bezos por pouco menos de mil milhões graças ao aumento de valor em bolsa da Tesla, a mesma empresa a que tantos analistas vaticinavam falência há menos de ano e meio.

Prova de que o ano pandémico de 2020 não foi sinistro para todos é que o multibilionário em janeiro do ano passado contabilizava cerca de 27 mil milhões de USD, longe sequer dos 10 mais ricos do mundo, e entretanto, a Tesla valorizou para mais de 9 vezes o que valia, acrescentando 150 mil milhões de USD à fortuna do seu fundador. Na semana passada cada acção da empresa valia mais de

816 USD, totalizando mais de 760 mil milhões de USD.

O comentário de Elon Musk no Twitter foi "Que estranho. Bom, de volta ao trabalho". Vale lembrar que o bilionário sul-africano, que foi considerado em 2019 o mais inovador do mundo, e que vendeu a sua primeira criação, um videojogo, aos 11 anos, fundou várias outras empresas. Entre elas, a percussora da Paypal, sistema de pagamentos online, a Space X que ainda recentemente levou a cabo um bem-sucedido lançamento de foguetão, depois de vários falhados, e trabalha com a NASA no projecto de criação de uma colónia humana em Marte e outras mais controver-sas como a Neuralink cuja pesquisa de neuro-tecnologia quer integrar o cérebro humano com a inteligência artificial através de dispositivos implantados no cérebro.

Elon Musk, nascido em 1971 em Pretória, na vizinha África do Sul sofreu muito bullying em criança, antes de se mudar para o Canadá com 17 anos. Fez a licenciatura em física, nos EUA e aos 24 iniciou um doutorado em física aplicada na Califórnia, que não terminou para se dedicar intei-



9

**Vezes que a Teles** valorizou-se desde Janeiro de 2019

ramente ao empresariado e tornou-se um símbolo da vitória "nerd".

Tido como irreverente e por vezes errático, o empresário, também inventor, engenheiro e economista vê-se frequentemente nas manchetes noticiosas pelos comentários controversos que faz. Por ocasião do resgate na caverna de Tham Luang na Tailândia, em que uma equipa de fute-bol de 12 crianças e o seu treinador ficaram presos, obrigando a uma missão de salvamento,

Musk, que havia mandado criar um submarino para o resgate, insultou online o responsável do salvamento, chamando-o pedófilo, episódio que levou à queda de 4% do valor da Tesla e a que os investidores o obrigassem a retratar-se publicamente.

Recentemente o multibilionário prometeu aos seu mais de 36 milhões de seguidores no Twitter que iria vender todas as suas posses e que não seria dono de nenhuma casa. Já vendeu uma delas por quase 30 milhões de USD desde então.

Musk, também presidente da Fundação Musk, é um filantropo activo com milhões doados para projectos de responsabilidade social, como bolsas de estudo, apoio a furações e desastres naturais e um programas de fontes com sistemas de filtragem da água para a zona de Flint no Michigan que esteve no centro de um escândalo de contaminação de água.

Aos 49 anos é vencedor de vários prémios de inovação, empreendedorismo, nomeado um dos "10 visionários que criam valor para o mundo" e um dos integrantes da lista de pessoas mais po-derosas, entre muitos outros.

14 Valor Económico Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

## (In)formalizando



FALTA DE INCENTIVO LEVA LICENCIADOS A CANDIDATAREM-SE ÀS VAGASNAS ESCOLAS

# Empreendedores em 'choque' com empregos de limpeza

**EMPREENDEDORISMO.** Políticas viciadas de auto-empregabilidade contribuem significativamente para os níveis alarmantes de desemprego, constatam empreendedores, que defendem a 'higienização' da mente dos jovens e aconselhando a reinventarem-se.

Por Guilherme Francisco

concurso público para auxiliares de limpeza na educação causou alvoroço nos locais de inscrição e em algumas escolas do ensino de base, com jovens universitários e já licenciados

a acorrerem em massa para formalizar a candidatura e levantar o certificado da 6.ª classe nas escolas que frequentaram há mais de dez anos. O desemprego é a justificação de muitos candidatos que se abstiveram do grau superior ao tentarem à sorte, apesar do alerta do Ministério da Educação de não existir posteriormente promoção de categoria.

Para alguns empreendedores, o concurso demonstra a "triste

realidade que deriva da velha formatação da sociedade", feita pelo Governo, em estudar com vista a obter emprego no sector público, tido como "bom e seguro." José Lima considera os jovens licenciados "vítimas do sistema" por não conseguirem empreender o conhecimento adquirido durante os longos anos de estudo. "Infelizmente, poucos aprenderam a pensar fora da caixa, isto é um problema transver-

sal. Tem tudo que ver com a forma como o país está desenhado. Por outro lado, ser vítima também tem sido uma opção, pois o conformismo e comodismo tem sido marca de muitos jovens, aceitam ser vítimas ao não saberem fazer uso da formação," observa.

Com a crise a apertar e com as reformas necessárias impostas ao abrigo do empréstimo financeiro concedido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o empreendedor aponta a necessidade de se acabar com a ideia de supostamente "os funcionários públicos terem a sensação de 'intocabilidade', logo, "quem está de fora quer ter as mesmas garantias, que com o mínimo de esforço, cumprindo ou não as metas, o salário é uma garantia."

A opinião é sublinhada por Daniel Pires, também ele empreendedor, que lamen-ta a falta de comSegunda-Feira 18 de Janeiro 2021

AS FEIRAS DE PRODUTOS agrícolas realizadas, no ano passado, nos quatro municípios da província de Cabinda, produziram um volume de negócios de mais de cinquenta milhões de kwanzas, de acordo com relatório da Comissão Provincial Organizadora das Feiras da Produção Nacional.



## **MEMORIZE**

O Concurso público para auxiliares de limpeza na educação levou muitos estudantes universitários e regressar às escolas aonde fizeram a 6ª classe em busca dos certificados. A referido correria levou muitos empreendedores a coloca em causa o nível de ensino universitário no país.

7500

**Vagas disponíveis** para auxiliare de limpeza na Educação.

promisso do Governo na promoção e no apoio aos jovens empreendedores. "Nos últimos 10 anos, há um interesse dos jovens em empreen-der, só para não dizer que o empreendedorismo está no ADN dos angolanos, infelizmente, tudo isso corre sem o apoio financeiro do Estado", assinala.

O empreendedor na área da moda e cultural sugere uma revisão das políticas actuais de fomento ao auto-emprego. O ponto de partida é o Governo, através do Instituto Nacional de Estatística (INE), fazer um censo dos jovens desempre-gados, criar "políticas directas junto do Ministério do Trabalho e do sector privado para se apurar a capacidade de cada um nos diversos sectores, promover for-temente o micronegócio de acção com vista a estimular os jovens a empreender e abrir espaço para os jovens expressarem as ideias e daí o Governo perceber que tipo de jovens tem e como trabalhar com os mesmos."

José Lima também aponta erros nos programas, citando, como exemplo, o Plano de Acção de Promoção para Empregabilidade (Pape), desde a concepção até à execução. "Peca-se muito nos quesitos público--alvo, atribuição, gestão e fiscalização dos fundos. Quando se recebem os valores, sem obrigações concretas de retorno, os que tutelam (tais valores) fazem festa. Estes programas deviam ser entregues a associações e cooperativas de negócios", defende, "sob pena de não mendigarem ao Estado, chegar ao ponto de passar humilhações nas filas inter--mináveis de desempregados a tentar sorte nos concursos públicos, quando o principal desafio é diminuir 'gorduras' na função pública".

Daniel Pires recomenda os jovens a reinventarem-se. "Não posso acreditar que um jovem que termina uma licenciatura sofra humilhações do género, depois surgir a dizer que está a engraxar sapatos na rua. Onde está o seu plano de estudo, pesquisa ou investigação científica? Cada um na sua área de formação deve ser útil para o desenvolvimento do nosso país. Se esperarmos pelo Governo va-mos morrer à fome, deixem que este trace as políticas e crie leis."

Desde o início das inscrições, revela Isau Queta, director pedagógico do Colégio Tungo Ya Tena, recebeu em média cinco solicitações de levantamento de certi-ficado da 6.ª classe por parte de ex-alunos, a maior parte já licenciados. Cautelosamente, na maioria dos casos, optou por não os entregar. "Conheço como é trabalhar na limpeza, um licenciado na limpeza é somente ilusão, quanto mais na função pública. Não perco tempo a passar certificados", deixa claro.

Já na escola 5033, localizada no Distrito do Zango, em Luanda, a solicitação foi maior, sobretudo na primeira semana de inscrição, chegou a uma média de 20 por dia. Contudo, a falta de papéis para imprimir os certificados impediu atender todos no prazo estipulado.

SITE DE RECRUTAMENTO

## Mais de 87 mil procuraram emprego em 2020

A plataforma de recrutamento Jobartis registou, no ano passado, um total de 87.813 candidatos a emprego, correspondendo a um aumento de 5% face a 2019. A maioria dos candidatos tem idades entre os 26 e os 30 anos, dos quais 44% concluíramo ensino superior, com seis a 10 anos de experiência.

De acordo com a estatística disponibilizada pela plataforma, foram divulgadas nove mil ofertas de emprego, uma redução, em relação ao ano anterior. A redu-ção foi influenciada pela pandemia da covid-19, que implicou a suspensão e encerramentos de muitas empresas já fragilizadas pela crise económica.

As áreas com mais oportunidades de emprego foram as de engenharia, vendas e atendimento ao cliente, finanças e contabilidade, profissionais operários e ofícios, administração e apoio de escritório.

Na plataforma, existem mais de 750 mil candidatos a emprego registados, bem como mais de 11 mil empresas que a utilizam na divulgação de recrutamento.





16 Valor Económico

## **Opiniões**

# Imposto Industrial: Temas a considerar no fecho de contas



Domingos Silva, Tax Manager, EY Angola

stamos quase a chegar ao fim de mais um ano fiscal, que se tem vindo a relevar o mais atípico e imprevisível da memória recente.

Como é tradição, o mês de Dezembro tem um significado particular para muitos de nós: reuniões familiares, umas férias merecidas e, acima de tudo, um recarregar de baterias para entrar com força num novo ano.

Porém, para os profissionais da contabilidade e fiscalidade, o mês de Dezembro está também associado ao complexo processo de encerramento de contas do exercício e apuramento do montante de Imposto Industrial, sobre os lucros do exercício de 2020.

Este ano, o cuidado deve ser redobrado, atendendo às alterações fiscais introduzidas por via da Lei n.º 26/20, de 20 de Julho (alteração ao Código do Imposto Industrial).

Relativamente à aplicação da lei no tempo, e ainda que a matéria possa vir a ser objecto de clarificação por parte da Administração Geral Tributária, tudo aponta para que as novas regras sejam aplicáveis para a totalidade do exercício ainda em curso.

Tendo em conta este factor, é inevitável salientar o novo enquadramento a conferir às diferenças cambiais não-realizadas. Se, até então, era argumentável a aceitação fiscal de ganhos e perdas com variações cambiais potenciais, tal deixou de ser possível, com o legislador a prever expressamente que somente diferenças cambiais realizadas irão concorrer para a formação do lucro tributável.



Esta é uma alteração abrangente, atendendo a que o sector empresarial angolano está exposto, em maior ou menor grau, a fornecimentos de bens e serviços estrangeiros, tornando incontornável a exposição a custos cambiais, potenciais numa primeira fase, e realizados numa fase posterior, em função das disponibilidades de tesouraria e de divisas. Por este motivo, a norma em apreço tem potencial para impactar de uma forma substantiva a matéria colectável de imposto, sendo crucial que, de forma atempada, se assegure uma resposta consolidada e criteriosa às seguintes questões:

- Com referência ao dia 31 de Dezembro, que bens e serviços estão por liquidar perante os meus fornecedores estrangeiros?
- No momento da importação dos bens bem como da

contratação do serviço, qual foi o câmbio que deu origem ao registo inicial?

- Qual o critério utilizado para converter passivos em moeda nacional? Estamos a ser consistentes ao longo do ano?
- Está o meu software preparado para permitir um correcto rastreio de cada transacção, até à sua eventual liquidação?

Somente uma preparação adequada irá permitir que, futuramente, o custo a incorrer com as perdas cambiais realizadas venha a ser fiscalmente dedutível em sede de Imposto Industrial. Afinal, a diferença de câmbio não-realizada que acrescemos hoje poderá amanhã ser um proveito a deduzir, facto que irá certamente ser escrutinado pela AGT no âmbito das acções de fiscalização. Sem uma

adequada documentação destas transacções, o sector empresarial poderá ver dificultada a capacidade de resposta em sede de inspecção futura, com as necessárias consequências em sede de Imposto em falta, juros e coimas.

Em acréscimo à preocupação delineada, outros poderão ser os temas com relevo em sede de Imposto Industrial.

Com efeitos, gostaríamos de salientar que o período de reporte de prejuízos fiscais foi alargado de 3 para 5 anos.

Não menos importante será a adequada atenção a dar a custos com despesas indevidamente documentadas, não-documentadas ou confidencias. O conceito foi reformulado para um acréscimo à colecta ao invés de ao lucro tributável, traduzindo-se num maior impacto ao nível do imposto final devido.

Além destes factores, gostaríamos ainda de salientar a pequena – mas muito importante – alteração ao artigo 47.º do Código, a qual permite a dedução ao lucro líquido (sem qualquer aparente limitação), dos proveitos tributados em sede de Imposto sobre a Aplicação de Capitais e Imposto Predial. Recorde-se que até recentemente, o artigo em questão previa apenas uma dedução até à concorrência do lucro tributável, facto que gerou incerteza a determinados contribuintes com prejuízo fiscal.

Por fim, não podemos deixar de referir a alteração ao nível da taxa de Imposto Industrial aplicável ao exercício de 2020, que é desfavorável para bancos, seguradoras, operadoras de telecomunicações e operadores petrolífero angolanos, com um incremento para 35% mas favorável para as restantes empresas, com uma redução para 25%.

Em resumo, existe um trabalho contabilístico de rigor a realizar, com principal incidência nos próximos meses. Um adequado tratamento destas temáticas irá, certamente, ser um factor de sucesso para enfrentar os outros desafios que o ano de 2021 seguramente vai trazer.

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

Valor Económico 117

# Não podemos vacinar apenas algumas pessoas de alguns países: temos de proteger todas as pessoas em todo o mundo.

# Globalizar a vacina contra a COVID

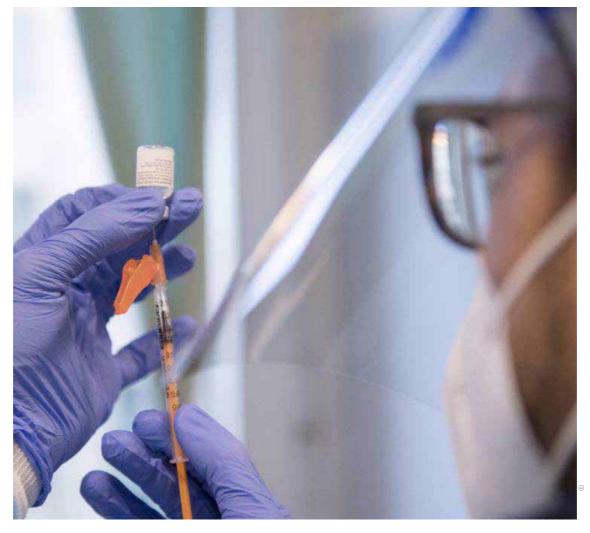


**Okonjo-Iweala,** Antiga directora do Banco Mundial e ex-ministra das Finanças da Nigéria.

desenvolvimento e aprovação de vacinas seguras e eficazes contra a covid-19 menos de um ano após o início da pandemia é uma realização verdadeiramente notável, que nos permite esperar que o fim desta crise devastadora possa estar próximo. O que se passará nos próximos meses, ou mesmo semanas, será igualmente notável: as vacinas contra a covid-19 serão disponibilizadas a pessoas de todo o mundo, não apenas nos países mais abastados, praticamente ao mesmo tempo.

As vacinas vão chegar à maioria dos cidadãos de países ricos no primeiro trimestre deste ano e os cidadãos de países de rendimentos baixos e médio-baixos também começarão a ter acesso a elas. A velocidade e a escala a que as vacinas estão a ser fornecidas são simultaneamente extraordinárias e necessárias para acabar com a pandemia e só são possíveis graças a uma demonstração sem precedentes de solidariedade global e de apoio multilateral ao Covax, o mecanismo central do esforço de vacinação contra a covid-19, iniciado no ano passado pela Organização Mundial de Saúde e pela Gavi, a Aliança para a Vacinação

O Covax vai facilitar a distribuição de dois mil milhões de doses da vacina durante o próximo ano, chegando a pessoas em 190 países e economias participantes, independentemente da sua capacidade de pagar. Com efeito, devem existir doses suficientes para proteger todos os profissionais de saúde e de cuidados sociais de todo o mundo até meados de 2021. E apesar de encon-



trar a sua quota-parte de opositores, o programa continua a atrair mais governos, decisores económicos e fabricantes de vacinas. Estes participantes estão a aderir porque reconhecem que o Covax é a única solução global viável para a crise da covid-19.

Agora que chegámos a esta encruzilhada crítica, têm de cessar as especulações sobre se o Covax será mal sucedido. É altura de começar a proporcionar o apoio necessário para garantir que é bem-sucedido na missão para a qual foi concebido. O desenvolvimento e aprovação de vacinas é apenas o primeiro passo. Enquanto o coronavírus puder ser transmitido entre pessoas, muitas continuarão a ser infectadas e algumas morrerão. A esperança de voltarmos à normalidade nos negócios, no comércio e nas viagens continua a ser difícil.

Para terminar o ciclo, não podemos vacinar apenas algumas pes-

soas de alguns países: temos de proteger todas as pessoas em todo o mundo. Mas à medida que as vacinas foram sendo distribuídas, a procura ultrapassou previsivelmente a ainda limitada oferta. Nestas condições, mesmo que estejam prometidas futuramente doses para o resto do mundo, a distribuição de vacinas aos lances mais elevados só poderá prolongar a crise. O nacionalismo vacinal é precisamente o problema para a resolução do qual se criou o Covax.

No combate à covid-19, temos de evitar que se repita o que ocorreu em 2009, quando um pequeno número de países ricos adquiriu a maioria da oferta global da vacina contra a gripe H1N1, deixando o resto do mundo desguarnecido. Como cada governo nacional tem o dever primordial de proteger os seus próprios cidadãos, não surpreende que uns 35 países já tenham celebrado acordos bilaterais com

Em Fevereiro
passado, poucos
imaginavam que no
fim deste ano teríamos
mais de uma vacina
aprovada e que
estaríamos em posição
de distribuir doses a
países de rendimentos
elevados e reduzidos
em simultâneo.

empresas farmacêuticas relativos a vacinas contra a covid-19.

Estes acordos não são ideais no que respeita ao esforço global de vacinação. Embora o Covax seja suficientemente flexível para contornar este problema específico, só poderá fazê-lo desde que os fabricantes lhe forneçam o mesmo acesso às vacinas de que os governos nacionais gozam. Infelizmente, já estamos a ver alguns governos a adquirir doses em número muito superior ao que necessitam, agravando a pressão sobre a oferta global durante esta crítica fase inicial.

Alguns destes países assinalaram que pretendem doar as suas encomendas excedentárias e, nesses casos, essas doses adicionais terão de ser redireccionadas da forma mais rápida e equitativa possível. A melhor maneira de garantir que isso aconteça é fazer com que os governos doadores adiram ao mecanismo Compromisso Avançado de Mercado Gavi/ Covax (AMC), criado para garantir que as vacinas contra a covid-19 são disponibilizadas às pessoas que vivem nos 92 países do mundo com rendimentos baixos e médios.

Até agora, o Covax garantiu perto de mil milhões de doses para estes países, conseguindo acordos com fabricantes das mais prometedoras candidatas a vacina. Mas são necessárias muito mais doses. Todos os fabricantes têm de participar e de fazer com que as suas vacinas estejam disponíveis e acessíveis pelo Covax, para que possa acontecer uma distribuição global coordenada. Alguns fabricantes já fizeram isso; e doadores internacionais já contribuíram com os dois mil milhões de dólares de que o AMC do Covax precisava para 2020. Mas o programa precisou de mais cinco mil milhões de dólares para 2021, e em Dezembro os EUA destinaram quatro mil milhões à Gavi no seu segundo pacote de medidas para alívio da covid-19.

Em Fevereiro passado, poucos imaginavam que no fim deste ano teríamos mais de uma vacina aprovada e que estaríamos em posição de distribuir doses a países de rendimentos elevados e reduzidos em simultâneo. Mas a comunidade global uniu-se e criou uma plataforma para fazer precisamente isso. Tudo o que Covax precisa agora é de apoio internacional suficiente para concluir a tarefa.

18 Valor Económico

## **Opiniões**

## E agora pergunto eu...



**Geralda Embaló** Directora-Geral Adjunta

sta semana voltámos a impor regras de circulação devido à pandemia e pelo mundo fora o covid desdobrou-se em mais umas quantas novas variantes. Depois da variante mais contagiosa que havia surgido na Inglaterra, surgiu a ainda mais contagiosa na África-do-sul, depois foi detectada outra variante desconhecida vinda do brasil, e nos EUA esta semana anunciaram que outra nova variante está a preocupar as autoridades e também as farmacêuticas que ainda não têm a certeza de que as vacinas, em que já investiram tanto vão combater eficazmente estas novas estirpes do vírus.

O que é comum a todas a estirpes que vêm sendo detectadas é que todas estas variantes são aparentemente mais perigosas, mais infeciosas, mais resistentes e contagiosas do que a primeira versão do covid 19. É o vírus a adaptar-se para fazer melhor o seu trabalho de se espalhar e reinar incontestado. Devíamos nós ter essa flexibilidade e capacidade de nos adaptarmos para a eficácia que certamente não teríamos os atrasos civilizacionais que temos. As empresas que se adaptaram mais rápido à nova realidade pandémica foram as que melhor se safaram da desdita. As fábricas que conseguiram passar a produzir materiais de bio-segurança, como batas descartáveis para os médicos ou que passaram a produzir sabão, os restaurantes que adaptaram o negócio para as entregas, os escritórios que conseguiram manter o pessoal a trabalhar à distância, enfim aqueles que dentro da sua actividade lhes foi possível adaptar rapidamente às circunstâncias adversas e continuar. Nalguns casos a prospe-



rar... A Amazon, que foi, com as farmacêuticas e com a Tesla por exemplo, das que mais valor agregou em 2020, anunciou a compra de uma frota de aviões que vai fazer com que deixe de depender de transporte de outras empresas para fazer as suas entregas. É claro que indústrias que não têm como se reinventar e adaptar-se como o vírus, como é o caso do sector do turismo e das viagens por exemplo, continuam a sofrer uma morte dolorosa. O Financial Times escrevia na semana passada que o sector perdeu mais de 700 mil milhões de dólares. O nosso OGE que compreende todas as despesas e receitas do país para este ano, não chega a vinte mil milhões. É muito dinheiro perdido, muita empresa de rastos e muito desemprego num dos sectores mais empregadores do mundo. E, não há capacidade de adaptar que acompanhe a rapidez vertiginosa com a nossa realidade está a mudar por causa do vírus.

Apesar de detestável por razões obvias, a capacidade do vírus de se adaptar para melhor cumprir a sua missão, a capacidade de se desdobrar em variantes cada vez mais avançadas e mais fortes devia servir de lição para nós, humanos, não apenas no que toca ao tecido empresarial,

que é tão importante para garantir sustento para as famílias, mas também a nível social e até a nível pessoal. Esta lógica da adaptabilidade para evolução é instrumental para esse crescimento e esse desenvolvimento social e pessoal que nos faz tanta falta e que se quer acelerado. Um exemplo é o sector da educação que a nível mundial se está a tentar adaptar rapidamente a um paradigma de ensino à distância que poderia permitir a massificação da

A nossa realidade no que toca a política é um caso de estudo do contrário da adaptabilidade que permite crescer eficazmente. É um caso de estudo de marasmo, de estagnação e de paragem no tempo. educação e fazer com que chegue a zonas cada vez mais remotas com cada vez mais facilidade. Mas há vários outros exemplos onde essa flexibilidade e capacidade de adaptar a novas realidades, e desenvolvimento seria importante.

Entre nós o domínio da política é certamente um desses exemplos.

Os comentários dos leitores à primeira edição do Valor Económico de 2021, que trazia uma extensa entrevista com o líder do maior partido da oposição, Adalberto da costa Júnior, são paradigmáticos, e a nossa realidade no que toca a política é um caso de estudo do contrário da adaptabilidade que permite crescer eficazmente. É um caso de estudo de marasmo, de estagnação e de paragem no tempo.

As discussões giram em torno de temas como a guerra, que dizem os do partido maioritário que a UNITA prolongou. Giram em torno das origens e 'genuinidade' dos candidatos, de quem é mais e menos angolano, e quanto a este tema, que aliás é comum aos dois partidos para infelicidade geral, vale aqui citar um comentário mais adulto de um dos leitores, que esclarece o seguinte em resposta "quando não tem assunto não diga disparates.

Angolano genuíno só os kamussekeles, vulgo koisans os restantes são todos invasores. Os habitantes originais de Angola foram os caçadores colectores Koissan. A expansão dos povos bantu, chegados do norte, acontece a partir do segundo milénio". É claro que como mucubal de sangue e de origem só posso adorar este comentário.

Mas há mais argumentos frequentes que giram em torno de mesquinharias atiradas uma arrogância e soberba alicerçadas numa superioridade (que até a nivel numérico é questionável). Argumentos atirados com um fervor clubístico, um hooliganismo político, à laia de adeptos de futebol em ebulição que se julgam inimigos de morte e nem sabem já bem explicar porquê, porque o tempo e o uso constante das mesmas acusações as foi desgastando de modo a retirar-lhes muito do sentido. Um desses argumentos mais cacimbados pelo uso é o de que 'a oposição não está preparada para assumir o poder', (o que até pode ser verdade porque não temos provas de que esteja), mas e agora pergunto eu, o que dirá de nós enquanto Nação, quando há décadas não há alternativa ao mesmo partido que se impregnou e se quase se substituiu as instituições do Estado? O que se passa connosco que conseguimos identificar tanta coisa mal (tanto que o slogan do maioritário é precisamente corrigir o que está mal) mas longe de corrigir continuamos a não construir alternativas viáveis? O que se passa connosco? O que pensam de nós lá fora os estrangeiros, que queremos que venham investir quando quase meio século depois de governados pelas mesmas caras (que vão mudando ligeiramente entre si de acordo com as suas próprias guerras intestinas), continuamos a não ter alternativas capazes? Não se riem quando falamos na nossa democracia tão atípica em que reinam os mesmos? E o que diz de nós quando os centros de discussão e da argumentação política são os mesmos há tanto tempo: uma guerra que terminou há duas décadas; os genuínos e não genuínos, as origens, os tons de pele; a perene e teórica 'falta de preparação', tudo menos propostas de governo concretas, com base em dados fiáveis em vez de em demagogia, propostas que nos dêem alguma esperança no futuro, que nos mostrem um caminho claro e consensual?

Nada disso se discute, e como diziam alguns internautas "é triste".

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021
Valor Económico 119

Silenciou-se um complexo industrial com uma refinaria cuja aprovação havia sido decretada em 2017 pelo antigo titular que, a ter sido edificada, iria revolucionar a produção de refinados e lubrificantes a Sul do continente.

## A Luanda da Sonangol



antonio vieira x-director da Cobalt Angola

ntramos num novo ano com os velhos problemas que afectam a nossa sociedade. Problemas que, de idade, são seniores e de barba branca, caleja-

são seniores e de barba branca, calejados de continuarem a girar em mãos diferentes, porém todas iguais na sua "in aptitude" de os resolver. Lembro-me do Pedro Fortunato dizerme, em 1976, que ele iria fazer de Luanda uma cidade melhor. Quis o destino acabar com ele antes que tivesse tempo até para se coçar. Foi simplesmente exterminado, talvez propositadamente, para que Luanda não se tornasse numa cidade melhor.

Luanda não era um jardim plantado a beira-mar, porém tinha o ar e a graça duma cidade a querer ser divertida e crescer como uma jovem dotada de seios avantajados e convidativos, pernas esculturalmente longas e moldadas e inteligência fulgurante. As praias eram limpas e, com as águas límpidas e mornas, eram convidativas. Ia para o trabalho com o prazer de ganhar o dia para viver a noite sem os sobressaltos das grandes capitais. Aliás, Luanda nem sequer era uma cidade grande embora fosse uma grande cidade.

Só que tal como Luanda falhou tudo. Falhou a cidade, falhou a educação e a ciência, falhou a saúde, falhou a indústria e o comércio, falhou a urbanização e falhou tudo mais. Só não falhou a guerra porque, fazendo-a, os capitães de areia ficaram ricos. Acreditem que até falhou a religião, fragmentando-se ao ponto de hoje existirem mais de mil denominações, incluindo inúmeros muçulmanos. E, assim, chegamos a 2021.

As ruas de Luanda estão todas sujas. Cheiram a urina e a fezes. Luanda cheira a podre, sobretudo na parte mais baixa que era o orgulho da jovem dotada de 1976. Não há água em grande parte da cidade, porém corre água por várias artérias. Basta de promessas. "Exijo" que se resolva este problema em 2021.

Durante anos, a chave mágica para a solução de todos os problemas era o petróleo. Dava para "tudo", uma vez que "tudo" ia à santa Sonangol buscar a água benta para "missas e orações". E, pelos vistos, usou-se muito mal esse recurso de tal maneira que hoje, desgastado, debotado e, por todos violado, parece ter perdido o brilho e o cheiro. Anda desvalorizado e de cabeça baixa. Aliás, já anda assim há uns anitos.

Em 2017, a nova gestão de gestores inexperientes e sem formação específica em gestão pareceu que ia dar um empurrão. Só que empurrar líquidos não é a mesma coisa que empurrar uma camioneta que não arranca porque o motor de arranque avariou. E ainda por cima e, para além disso, sob o manto de cumplicidade matrimonial com o passado recente.

"Nevaram" promessas que rapidamente se transformaram em água, pois é isso que acontece sempre que há neve. Das promessas feitas, o sucesso foi o surgir duma agência que ainda não sabe bem o seu papel e que como tal continua a apalpar terreno. Continua sem orçamento próprio e sem saber bem como obter os fundos de que necessita. Mas, com

esta mexida, aligeirou-se a Sonangol de 10-15% da carga laboral o que transformou a agência num navio sobrelotado à nascença com, quiçá, três vezes mais pessoal do que normalmente precisaria. A Sonangol ficou com o "resto", o que só por si significa ter guardado três a quatro vezes mais do que realmente precisa.

Tudo o resto tem sido um falhanço total talvez devido ao "pára-quedismo" de quem se encarregou de fazer as mudanças. Eis alguns exemplos desse falhanço:

- O casamento (ou divórcio) entre a E&P e a P&P ainda está por clarificar.
- O Estado gastou cerca de mil milhões de dólares na aquisição de duas plataformas de exploração que

Só que tal como
Luanda falhou tudo.
Falhou a cidade,
falhou a educação e a
ciência, falhou a
saúde, falhou a
indústria e o comércio,
falhou a urbanização e
falhou tudo mais.

estão inoperativas.

- O Estado gastou cerca de dois mil milhões com os blocos 20 e 21 e vendeu 80% deste "asset" por cerca de setecentos e 50 milhões perdendo descaradamente mil duzentos e cinquenta milhões, e nada aconteceu de bom para o país até agora.
- O Estado alinhou a comercialização de refinados com a Total e não há resultados visíveis dessa nova aliança.
- O Estado precisa de fazer pesquisa e exploração para se tornar produtor e nada está a fazer nesse sentido.
- Silenciou-se um complexo industrial com uma refinaria cuja aprovação havia sido decretada em 2017 pelo antigo titular que, a ter sido edificada, iria revolucionar a produção de refinados e lubrificantes a Sul do continente pelo menos e de assumir o surgimento de 10 mil postos de trabalho.
- Em contrapartida, negociaram-se refinarias diversas e até ao presente não há sinais de alguma refinaria estar no horizonte numa altura em que várias refinarias pelo mundo fora estão a fechar as portas antevendo-se o fim da "era do petróleo".
- Entregaram-se os campos de gás disponíveis a uma velha operadora, porém, até ao momento, a planta de gás continua a operar pouco acima dos 60% da sua capa-

cidade por falta de matéria-prima, por falta de gás.

- Finalmente, a maior promessa continua hibernada no baú dos interesses de Estado: a privatização da Sonangol. É que, sem a sua privatização, a Sonangol nunca irá funcionar duma forma responsável e transparente.

É na realidade preocupante que a privatização da Sonangol foi a maior promessa do Executivo de 2017. Aparentemente nada está a ser feito nesse sentido. Será que o Governo já sabe quanto vale a Sonangol? Será que já se calculou o valor real desse monstro que é de todos nós e que como tal todos nós temos o direito de conhecer o seu valor? Certamente que alegam que a empresa não está pronta para ser colocada numa bolsa de valores como se de um bolo se tratasse e precisasse de fermentar antes de ir para o forno.

É óbvio que dá jeito que a Sonangol continue como está, que continue a ser o que tem sido até hoje: um saco azul. Cadê a auditoria que vários deputados têm atempadamente solicitado? Quanto vale a Sonangol? Será que só as eleições de 2022 poderão ditar o seu valor?

E acabamos por verificar que não são só as ruas de Luanda que estão sujas, que cheiram a urina e a fezes. Não é só Luanda que cheira a podre na parte mais baixa, essa parte que era o orgulho da jovem dotada de 1976. Não é só a falta de água em grande parte da cidade. Como Luanda, a Sonangol de 1976 que até foi bem cuidada enquanto adolescente, foi violada, vítima de abuso e usada na juventude, de tal forma que hoje, adulta, não está muito melhor que as prostitutas que povoam e pululam as noites da baixa de Luanda. Por falta de inteligência e dos cuidados necessários nessa sua fase de maturidade. Afinal de contas, aos 45 anos ainda não se é suficientemente velha para que caia em desleixo, e, quiçás desgraça.

"Exijo" que se resolva este problema. Que se esqueçam os pára-quedistas e se projectem os profissionais. Já. Só assim, iremos corrigir o que está mal e melhorar o que está bem. E quem ganhará é o povo. O futuro promete.



20 Valor Económico Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021



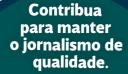
## **Jornal Valor Económico**

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te







GEM Angola Global Media, Lda

Iban: 0051 0000 7172 9933 1512 7



A primeira edição do
Valor Económico do ano
2021 alcançou cerca de
50 mil internautas
recebendo mais de 5 mil
interacções entre
comentários, partilhas e
reacções. A entrevista do
líder do maior partido
da oposição, Adalberto
da Costa Júnior foi o alvo
da maioria dos
comentários e
discussões acesas na
página do Facebook do
VE.

Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico. Gralhas e discussões pessoalizadas são editadas para publicação.

> Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

## Facebook/Comentários



#### Admilson Sebastião

É engraçado ler que o Presidente da Unita foi alvo de tentativas de compras! É possível comprar alguém que já está do lado do partido no poder?? Sois todos cómicos e se realmente existisse partidos da oposição em Angola o partido MPLA não estaria no poder até agora.



#### Joao Augusto Ndondoji

Filomena, mano sempre me identifiquei como apartidário, não represento nem um partido político porque em nem um dele Milito, quanto a questão causa tenho a dizer o seguinte.

Não é e nunca será surpresa para ninguém culto, atento e sério neste país, saber o quanto os serviços públicos são partidarizados, os nossos tribunais são partidários, os nossos juízes ainda levam consigo as camisolas do partido estado para as plenárias. O que o ACJ fala, é pura verdade, olha o que se está a passar com o PRA-JA SERVIR ANGOLA! Onde está a seriedade dos nossos tribunais? Olha a posição do presidente do Supremo Tribunal quanto a indicação de pessoas próximas para a formação mesmo não tendo notas que é exigido. Para melhor entendimento do que se levanta pelo ACJ, lê o regulamento interno dos Procuradores e daí saberás o porque é que o Muangala e pares, não são chamados até hoje em sede de tribunais e só prendem peixes miúdos.



#### Horacio Junior

Porquê que os indivíduos que defendem este rapaz português que à última hora e de forma atabalhoada pediu ao seu país a renúncia da nacionalidade portuguesa para concorrer ao cadeirão do Galo Negro, ofendem e ataca as pessoas com ameaças? É falta de argumentos. Não há projecto político. Só vejo improviso. Não pagam as instalações que arrendam e ainda por cima acham que têm razão. Não pagam o senhorio das instalações do Lobito e o culpado é o outro? É óbvio que as contas têm que ser congeladas. O tribunal é Soberano. São caloteiros e ainda por cima prepotentes. Assim convencem quem?



## Francisco Fragoso Adriano Adriano

José Carlos Da Costa Fernandes Adalberto não reúne requisitos para ser presidente de Angola. Acidentalmente nasceu na província do Huambo, Angola, ok. Quem seu pai, quem seu pai? Mãe caboverdiana e pai português. Portanto ele não é angolano de origem, não é angolano genuíno, como tal não reúne requisitos para se candidatar a presidente de Angola. E na UNITA fala-se muito em angolano genuíno, e cometeram grave erro em meterem um semi-estrangeiro no seu comando. Desafio os kuachas a provarem que os pais do Adalberto não são estrangeiros.



#### António Santos

Francisco Fragoso Adriano Adriano assim como vc. Pai congolês, mãe Maliana, assim é quê? "Comali" ou "Malico" ??? Quando não tem assunto não diga disparates. Angolano genuíno só os Kamussekeles, vulgo Koisans, os restantes são todos invasores... entendeu ou não conhece a história???



#### Francis Salvado

O cara está sem norte. Tem sempre desculpas para justificar as suas incompetências



## Capiango Rodrigues

**Francis Salvador** Quem é incompetente neste país é o vosso presidente JLO, que anda a governar com gatunos!



## Francis Salvador Capiango Rodrigues

Vão assustar JLO reeleito em 2022.



#### João Freire

"Se um dia" a Unita for governo, o Estado vai deixar de ser partidário?



## Adelino Barbosa Barbosa

O fantasma do MPLA nunca sairá da vossa cabeça



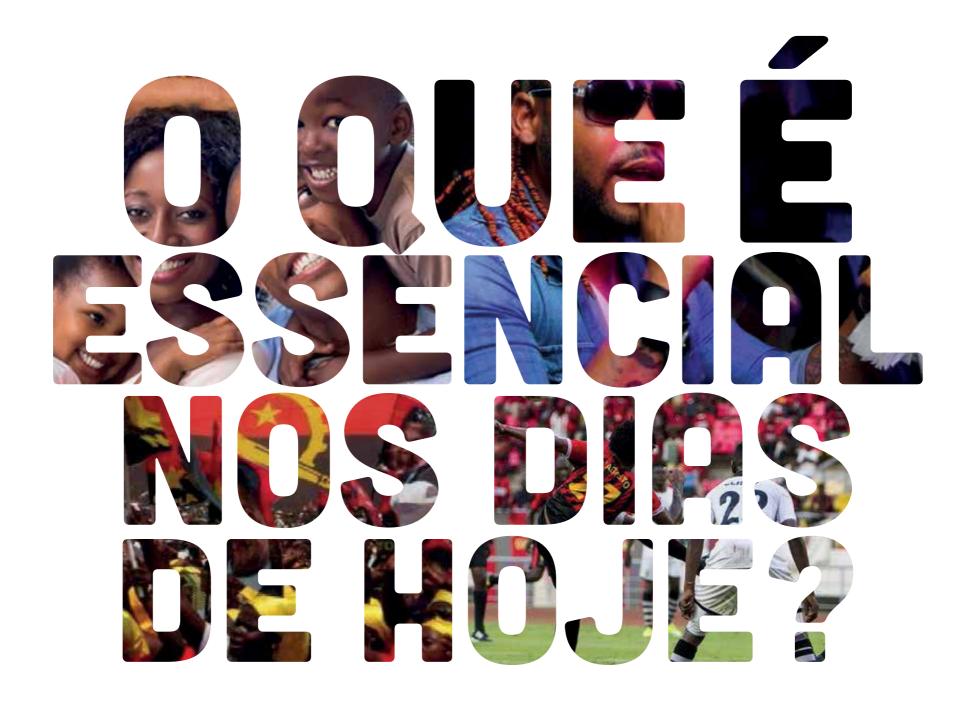
## José Carlos Da Costa Fernandes

O vigarista do macaco, só vê a cauda dos outros. A dele! Não tem espelho. É só ver quanto ele ele é aldrabão. Já viram a biografia dele? Igual a de Jonas Savimbi... Era Drº formado na Suíça em Lousane. Quantos anos esteve lá a fazer o curso? Esses são os quadros da UNITA, para governar o País. O Adalberto Costa Júnior é de facto Angolano?



#### Carlos Luciano Cadáver José

Nunca comentamos sobre nossos chefes q saqueiam o país mas, pra falar da oposição em detrimento de defender e manter os ladrões no puder é rápido.



96.1 fm



22 | Valor Económico | Segunda - Feira 18 de Janeiro 2021

## Covid-19



ANTES DE SUSPENSÃO

## TAP e TAAG reforçam voos com Angola

portuguesa, TAP, e angolana, Taag, vão reforçar as liga-ções aéreas entre Portugal e Angola antes da suspensão temporária dos voos direc-tos, a partir de 24 de Janeiro. A TAP tem, para já, agendado um voo extra na quinta--feira, dia 21, enquanto a Taag prevê mais quatro ligações entre Luanda e Lisboa, bem como um reforço dos voos para a África do Sul e o Brasil. De acordo com o calendário a que a Angop, teve acesso, realizam-se amanhã (19), dois voos para a África do Sul (Cidade do Cabo e Joanesburgo) e um para Lisboa (Portugal).

As transportadoras aéreas

Na quarta-feira, 20, estão agendados voos para a cidade de São Paulo (Brasil) e um para Lisboa (Portugal), e, na quinta-feira, 21, ligações com Lisboa (Portugal) e Joa-nesburgo (África do Sul). Na sexta-feira, 22, estão programadas mais duas ligações com Portugal e África do Sul (Joanesburgo), enquanto no sábado, último dia da programação especial, a companhia aérea angolana voa para Joanesburgo e Cidade do Cabo.

A operação de voos de repatriamento dos angolanos e residentes estrangeiros com visto de trabalho que se encontram em Portugal, Brasil e África do Sul começou no sábado e prolonga-se até às 00:00 do dia 24 de Janeiro, altura em que Angola sus-pende temporariamente as ligações com estes países, para evitar a entrada da nova estirpe do SARS-Cov2, o vírus causador da covid-19.

dor da covid-19.
Para evitar a entrada no
país da nova variante do vírus,
os passageiros que desem-barcarem no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, a partir
de agora, estão a ser submetidos, de imediato, ao teste
rápido da covid-19.

**RESULTADOS DE 2020** 

## TAAG anuncia perdas superiores a 90 milhões de dólares

A Taag registou, durante o ano de 2020, perdas de mais de 90 milhões de dólares em receitas com o transporte de passageiros e carga, devido à pandemia da covid-19.

A informação foi prestada ao Jornal de Angola, pelo presidente da Comissão Executiva (PCE), Rui Carreira. Apesar de assegurar que estes números não traduzem, ainda, a avaliação geral dos prejuízos sofridos pela Taag, o gestor garantiu que os níveis de facturação, em 2020, andaram muito distantes das habituais receitas consegui-

das pela empresa. "Não podemos ainda avançar o valor global das perdas, pois estamos a avaliar os custos, o que demora um bocado. Estamos a viver os primeiros dias do ano e há números por apurar. O que posso avançar, de imediato, a nível de facturação com passageiros as receitas são de cerca de 70 milhões de dólares e de 45 milhões com o transporte de cargas. Em 2019, a facturação foi acima dos 200 milhões de dólares, portanto, há aqui grandes diferenças na ordem dos mais de 90 milhões", concluiu.



## NA PRIMEIRA FASE

## Testes após desembarque gratuitos



Os testes pós-desembarque que serão necessários para os passageiros oriundos do estrangeiro entrarem em Angola, a partir de sábado, vão ser gratuitos numa primeira fase, informou o Governo.

Angola anunciou novas medidas para travar a importação da nova estirpe do vírus SARS-CoV-2, incluindo a obrigatoriedade de testes pós-desembarque.

"Estes testes pós-desembarque, numa primeira fase, serão gratuitos. Vamos avaliando a situação e tomando as medidas, mas, para esta situação emergencial de repatri-amento, serão gratuitos", afirmou a ministra da Saúde, Silvia Lutucuta, em conferência de imprensa.

A ministra destacou que, face ao surgimento de novas variantes, com maior potencial de contágio, e à necessidade de permitir o regresso dos angolanos, foi necessário adoptar medidas de contenção para evitar a propagação do vírus.

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021
Valor Económico 123

O DIRETOR-GERAL da Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou esta segunda-feira que o mundo "está à beira de um fracasso moral catastrófico" se os países ricos não partilharem vacinas contra a covid-19 com os mais pobres.



COM POPULAÇÃO VACINADA

## Austrália deverá manter fronteiras fechadas em 2021

A Austrália deverá manter as fronteiras fechadas durante a maior parte de 2021, mesmo que a maioria da população de 25 milhões de pessoas seja vacinada nos próximos meses, indicaram fontes oficiais.

A decisão, segundo o secretário do Ministério da Saúde, Brendan Murphy; deve-se à incerteza sobre o resultado da vacina. "Acredito que teremos restrições fronteiriças significativas durante a maior parte deste ano, mesmo que a maioria da população seja vacinada. Não sabemos se [a vacina] irá impedir a transmissão do vírus", disse à ABC News.

Cerca de 75% da população australiana, que iniciará o programa de vacinação con-tra a covid-19 em meados de Fevereiro, pretende ser imunizada contra o coronaví-rus, de acordo com um inquérito realizado no mês passado pela empresa de

consul-toria Roy Morgan.
Entretanto, as autoridades australianas,
que demonstraram a eficácia no rastreio
de contactos, estão a tentar determinar a
segurança das vacinas após a morte, na
Noruega, de cerca de 30 pessoas idosas,
que tinham problemas de saúde subjacentes, após terem recebido a vacina Pfizer.

A Austrália tem mantido as fronteiras internacionais fechadas desde Março de 2020 e só permite a entrada dos residentes e cidadãos, alguns dos familiares mais próximos, diplomatas e outras excepções. Por outro lado, as autoridades australianas anunciaram este fim-de-semana que vão disponibilizar 20 voos 'charter' para repatriar alguns dos mais de 30 mil residentes e cidadãos australianos no estrangeiro, depois de a companhia aérea Emirates ter anunciado que iria suspender os voos para Melbourne, Sidney e Brisbane.

MINUTOS DEPOIS DA APROVAÇÃO

## **Brasil aplica primeira dose de vacina**

O Brasil, um dos países mais afectados pela pandemia da covid-19, aplicou a pri-meira dose da vacina contra a doença a uma enfermeira, em São Paulo, após a aprovação de duas vacinas pela entidade reguladora brasileira.

A primeira dose da vacina 'Coronavac', desenvolvida pelo laboratório chinês Sino-vac e pelo Instituto Butantan, brasileiro, foi aplicada poucos minutos depois de a utilização de emergência ter sido aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A primeira inoculação foi aplicada a Mônica Calazans, 54 anos, enfermeira no Hospital das Clínicas na capital paulista, durante uma cerimónia presidida pelo go-vernador de São Paulo, João Doria, o principal rival político do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

"Isto é um triunfo da ciência, um triunfo da vida contra os negacionistas, contra aqueles que preferem o cheiro da morte à coragem e alegria da vida", disse Doria, num discurso cheio de críticas implícitas a Bolsonaro, que não esteve presente na cerimónia.

Bolsonaro, um dos líderes mundiais que mais tem negado a gravidade da pandemia, questionou publicamente a eficácia das vacinas e até vetou inicialmente a vacina promovida pelo Instituto Butantan, um órgão dependente do governo de São Paulo.

Doria, que já deu a entender as aspirações políticas para as eleições presidenciais de 2022, salientou que a aplicação da primeira vacina "é uma lição" para os "autoritários" que "desprezam a vida e não têm compaixão".

"A vitória de hoje, o dia V de vacina, o dia V de vida, pertence àqueles que dão valor e trabalham pela vida, em oposição àqueles que a negaram nos últimos 11 meses", disse Doria. Para além da vacina do Instituto Butantan, a Anvisa também autorizou a utilização de emergência do antigénio produzido pela Universidade de Oxford e pelo laboratório anglo-sueco AstraZeneca, a principal aposta do Governo Bolsonaro, mas cu-jas doses ainda não chegaram ao país.



PROTESTOS CONTRA RESTRIÇÕES

# Cem detidos em manifestação

Cerca de 100 manifestantes foram presos durante uma manifestação em Amesterdão, onde perto de duas mil pessoas protestavam contra as restrições ligadas à pandemia da covid-19 e contra o governo dos Países Baixos, que renunciou na sexta-feira.

Os manifestantes reuniram-se à tarde na praça dos museus (Museumplein), no centro da capital, no seguimento de um apelo lançado nas redes sociais: "Nunca mais votem no governo Rutte!".

Os manifestantes, muitos dos quais não cumpriram as medidas sanitárias impostas, foram expulsos pela polícia, em particular com o uso de canhões de água.

Alguns manifestantes atiraram pedras aos polícias. O primeiro-ministro holandês, Mark Rutte, apresentou, na sexta-feira, a demissão e a de todos os ministros do executivo, na sequência de um escândalo relacionado com abonos de família e a acusação indevida de milhares de pessoas de fraude.

"O Estado de Direito deve proteger os cidadãos de um governo todo-poderoso. Isso falhou de forma horrível", declarou Rutte durante uma conferência de imprensa, na qual confirmou ter apresentado a demissão ao rei dos Países Baixos, Guilherme Alexandre.

"Todos nós concordamos: quando todo o sistema falha, só uma responsabilidade conjunta pode ser assumida", acrescentou o primeiro-ministro demissionário.

Momentos antes deste anúncio de Mark Rutte (no poder desde 2010), os media holandeses já tinham avançado que o primeiro-ministro holandês ia avançar com a demissão do governo de coligação de centro-direita (que inclui quatro partidos), que acontece a cerca de dois meses das eleições legislativas, previstas para 17 de Março, e em plena crise sanitária da pandemia da covid-19.

## ESTADO DE EMERGÊNCIA PARA O PRÍNCIPE

## Governo de São Tomé prorroga estado de calamidade

O Governo são-tomense prorrogou por mais 15 dias o estado de calamidade, propondo ao presidente da República decretar o Estado de Emergência para a Ilha do Príncipe.

Em comunicado, o executivo anunciou o endurecimento das medidas de restrição na circulação dos cidadãos, para combater a propagação da covid-19. Entre as novas medidas, consta a suspensão das aulas do ensino nocturno nos estabelecimen-tos escolares públicos e privados e a redução do horário de funcionamento dos ser-viços públicos para período único que passa a iniciar às 07 horas e encerrar às 13 horas.

No comunicado lido pelo secretário de Estado da Comunicação Social, Adelino Lucas, o governo decretou também o "confinamento domiciliar obrigatório para pessoas com resultados de testes de covid-19 positivos e dos contactos directos como forma de diminuir o risco de contágio".

De acordo com as autoridades, todos os cidadãos "a partir dos 10 anos de idade" são obrigados a usar máscaras nos espaços fechados, recintos escolares e nas viaturas públicas e privadas.

Estão autorizadas a realização de missas e cultos, mas "em dias alternados, com ocupação de 50% da capacidade de lotação das igrejas ou templos".

24 Valor Económico Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

## Marcas & Estilos



## Livre(-se) do calor

A toalha de arrefecimento QuickCool é exclusiva da Dock & Bay e perfeita para a academia ou até mesmo para um dia de verão realmente quente! Com uma tecnologia de arrefecimento de duas camadas, ajuda-o a manter-se fresco por até seis horas.



## **Upgrade com estilo**

Há peças que fazem toda a diferença na sua sala. Tudo de que precisa é uma grande obra de arte ousada para dar instantaneamente à sua casa um upgrade com estilo. Pode ter impressões maiores, com a patenteada e exclusiva Giant Art.



## AUTOMÓVEL

## **Um Godzilla turbinado**

Com um motor 3.8 V6 biturbo de 572 cavalos, o Nissan GT-R está entre os super-desportivos mais rápidos do mundo. A aceleração de 0-100 km/h em 2,7 segundos é 2 décimos mais rápida que a de um Porsche 911 Turbo S, com motor V6 turbinado de igual cilindrada e potência de 580 cavalos e também dois décimos mais rápida que a de um Lamborghini Aventador, com um V12 aspirado de 6,5 litros e 700 cavalos. O segredo do desempenho monstruoso do GT-R – que lhe rendeu o apelido Godzilla – está na tracção integral.

### **AGENDA**

#### LUANDA

#### **ATÉ 31 DE JANEIRO**

Exposição 'Percurso da Pintura Angolana - Visita ao Acervo do Camões' com 19 artistas angolanos. A mostra pode ser visitada entre as 09h00 e as 12h00 e entre as 13h00 e as 15h00. Visitas limitadas

#### 22 DE JANEIRO

Show 'Stand Up Comedy' do humorista Gilmário Vemba, no Link Space Kilamba, às 19h30.

#### 27 DE MARÇO

O grupo teatral Harmonia apresenta a peça infantii 'A Cidade do Sol', no Belas Shopping e no Cinemax. Com quatro sessões disponíveis: 09h30, 10h35, 11h40 e 12h45. Bilhete a 3.500 kwanzas.

## **LIVROS**



UM GUIA INDISPENSÁVEL para investidores iniciantes que queiram garantir sucesso no curto e no longo prazo. Warren Buffett é o 4.º homem mais rico do mundo e é considerado o mais bem-sucedido investidor do século XX no mundo inteiro.



ESTE LIVRO TEM COMO objectivo mudar as formas estabelecidas de pensar sobre economia, sociedade e política. Argumenta que o bem-estar dos cidadãos europeus depende menos do consumo individual e mais do consumo social de bens e serviços essenciais.



#### THRISMO

## Uma fonte de inspiração

As Ilhas Maurícias são uma nação insular na costa sudoeste do continente africano. É chamada de Pérola do Índico. Possui águas azul-turquesa e um cenário que oferece uma viagem inesquecível.Com uma geografia impressionante, recortadas por montanhas de origens vulcânicas e cercadas por recifes de corais coloridos e piscinas naturais transparentes, é um dos locais mais inspiradores com história e tradições religiosas, como hinduísmo e islamismo.

Devido às belas praias, o pequeno paraíso é conhecido mundialmente como Ilha Praia, porque possui praias incríveis e proporciona diversas possibilidades de praticar todo o tipo de actividades, como caminhadas ao ar livre, kitesurf, windsurf, surf ou mergulho nas águas quentes e cristalinas. A gastronomia reúne uma variedade de sabores que vão desde pratos franceses aos orientais, principalmente com receitas de origem Chinesa.

Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

## Educação & Tecnologia

LIVRO DESTACA DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA NO MUNDO

# Luanda entre 10 cidades que marcam a dança

LITERATURA. Livro 'Ten Cities', editado pelo Goethe Institut, compila histórias de dez cidades mundiais cuja cultura musical contribuiu para o desenvolvimento da música de dança. Luanda é uma das capitais africanas em destaque, a par de Nairobi, Cairo, Joanesburgo e Lagos.

Por André Forte

ão dez as cidades que, para o Goethe Institut, têm definido as novas tendências da música de dança mundial. Através do livro 'Ten Cities', a instituição alemã destaca a preponderância que Luanda, Nairobi (Quénia), Cairo (Egipto), Kiev (Ucrânia) Joanesburgo (África do Sul), Berlim (Alemanha), Nápoles (Itália), Lagos (Nigéria), Bristol (Inglaterra) e Lisboa (Portugal) têm assumido no delinear de novas expressões musicais desde a década de 1960 até 2020. Por cidade, foram convidados dois autores com trabalho relevante a mapear o tecido cultural local que escrevam um ensaio cada sobre a história recente da música, com o objectivo de melhor dar a entender os movimento sociais por detrás de cada movimento. Sobre Luanda e Angola, a honra coube a Ângela Mingas e a Marissa Moorman.

Em entrevista ao VALOR, Marissa Moorman, historiadora norte-americana residente em Chicago e autora do livro 'Intonations: A Social History of Music and Nation in Luanda, Angola' (edição em língua portuguesa prevista para 2021), não deixa de sublinhar que esta atenção era apenas uma questão de tempo: "Estranho que não tenha acontecido mais cedo, dada



a importância da diáspora angolana e o impacto que a kizomba e o kuduro têm além-fronteiras."

No ensaio que assina no livro 'Ten Cities', Marissa Moorman traça o percurso da música angolana, de música de dança colectiva com o semba e, mais tarde, com o kizomba, até à expressão mais individual, mas não menos electrizante, dos kuduristas. No texto, não deixa de notar a importância pivotal dos Kiezos, conhecidos por levantar pó por via da dança nos seus primeiros concertos, ao Paulo Flores e ao seu papel preponderante no desenvolvimento do kizomba e até de Titica, como exemplo máximo da libertação e progresso por via da música que a

sociedade angolana regista desde os anos 1940 e o surgimento dos N'Gola Ritmos.

Também Florian Sievers, um dos editores do projeto, que começou em 2014 com uma série de concertos e uma compilação de música, conta como a influência da música angolana se estende além das fronteiras do país, e não escondendo, mesmo, a influência que tem na música de Lisboa abordada no livro pelos ensaios dos jornalistas Rui Miguel Abreu e Vitor Belanciano. "Mesmo antes de visitar Luanda, em 2013, o kuduro já era preponderante na Europa e nos Estados Unidos, muito graças aos Buraka Som Sistema, que entre 2006 e 2008 foram nomes pivotais da música de dança."

## MEMORIZE

O livro 'Ten Cities' está disponível em língua inglesa por via do Goethe Institut e assume-se como mais um documento a denotar a importância do continente africano

10

**Cidades** que, para o Goethe Institut, têm definido as novas tendências da música de dança mundial.

A ideia-motor deste projecto passava por ilustrar a música de dança actual como "uma rede sem centros", onde as sinergias entre expressões levam a que "não haja periferias" sociais ou culturais, com vários terminais que influenciam tendências. "Foi por isso," conta Sievers, "que para a compilação ('Ten Cities', editada pela discográfica britânica Soundways) desafiámos artistas de cada uma das cidades a trabalhar com outra das cidades visadas. Luanda ficou emparelhada com Nápoles." Nesse contexto, colaboraram MC Sacerdote e MC Yolanda Noivada com os italianos Lunaba e Djeff.

"Com este projecto, quisemos destacar que a música de dança não era apenas o que acontecia nos grandes centros urbanos, nem perpetuar a típica narrativa de Chicago e Detroit nos Estados Unidos e Manchester e Berlim na Europa [como capitais da música de dança]. É uma perspectiva demasiado focada no Norte, aborrecida e que não é correcta, então quisemos corrigi-la," revela o editor ao VE.

Não menos relevante é a necessidade de mostrar que estas expressões são "motores de mudança política e social", recaindo, por isso, a escolha da historiadora norte-americana para assinar um texto. Marissa Moorman, que no seu livro trabalhou precisamente esse aspecto do semba e a afirmação da identidade nacional angolana por via da música, e denota como essa expressão é indissociável da luta política angolana, não se coíbe de contar essas histórias no seu ensaio: "Ten Cities' endereça, igualmente, uma falta grave na historiografia destas cidades ditas periféricas, onde o colonialismo e a agitação civil que se seguiu reduziram a documentação ao testemunho oral. Para Moorman, "começar a pesquisa sobre música angolana foi muito difícil," por via da falta de documentação portuguesa sobre a cultura local durante a ocupação colonial. Um problema que não melhorou com a independência, quando, a propósito do Maio de 77, músicos foram executados e muitos dos seus registos destruídos.

O livro 'Ten Cities' está disponível em língua inglesa por via do Goethe Institut e assume-se como mais um documento a denotar a importância do continente africano e de comunidades tidas como minoritárias para a cultura mundial do século XXI. Valor Económico Segunda-Feira 18 de Janeiro 2021

### **NÚMEROS DA SEMANA**

341

**Propostas** foram registadas, de Agosto de 2018 a Dezembro de 2020, pela Aipex.

60

Mil kwanzas passa a ser o limite máximo de levantamento dos utentes de cartões Multicaixa, nos caixas automáticos.

2

Milhões De quilates de diamantes foi o que a Endiama registou de perda, no ano passado, por causa da pandemia da covid-19

487,5

Milhões de dólares foram desembolsados pelo FMI de direito especial de saque (DES) para Angola.



**ESCASSEZ DE FUNDOS** 

## BNA retira licença ao Banco Kwanza Investimento

O Banco Nacional de Angola (BNA) decidiu revogar a licença do Banco Kwanza Investimento, por "insuficiência de fundos próprios regulamentares". Requisito, jus-tifica a entidade reguladora, necessário à "continuidade da actividade bancária, nos termos da Lei de Bases das Instituições Financeiras". Nos próximos dias, avisa o BNA, completa o processo com a solicitação ao Procu--rador-Geral da República da declaração de falência do banco junto do Tribunal Provincial de Luanda, conforme disposto no n.º 1 do artigo 135.º da Lei de Bases das Instituições Financeiras. O órgão regulador dá a conhecer aos clientes da referida instituição a possibilidade de levantarem e transferirem os respectivos saldos até ao dia 31 Janeiro do presente ano, através da rede Multicaixa, internet e mobile banking ou ainda na agência se-de. Pelo que recomenda "a todos os clientes que mantenham a serenidade e não se precipi-

tem, evitando aglomerações

desnecessárias."

**GARANTE JEANNETTE SEPPEN** 

## UE pretende reforçar parceria económica

eannette Seppen, embaixadora da União Europeia (UE) em Angola manifestou, nesta segunda-Feira, bango, a inten-

na cidade do Lubango, a intenção do organismo que representa em aprofundar a parceria social, económica e política com Angola, visando o bem-estar das comunidades locais.

A diplomata visita por dois dias, o sul do país, para avaliar o andamento dos projectos em curso financiados pela UE. Na sequência dessa digressão Steppen já esteve com o governador provincial da Huíla, Luís Nunes.

Dos projectos, o destaque vai para o de Fortalecimento da

resiliência e da segurança alimentar e nutricional em Angola (Fresan), implementado pelo Instituto Camões, de Portugal. Com um prazo de implementação de 31 meses, os projectos orientados para os municípios da Humpata e Gambos, têm que ver com a construção de 100 reservatórios de água para os habitantes e 25 bebedouros para os animais, para mitigar os efeitos da seca.

Os projectos alargam--se também às comunas de Chiange, Rio d'Areia, Tunda dos Gambos e Humpata, para a irrigação agrícola.

No global, os projectos estão orçados em 1.499.983 euros, sendo 1.349.985 subvencionados pela UE, através do Fresan, e 149.998 euros pela Norwegian Church Aid (NCA), em execução pela ADRA.

Jeannette Seppen diz tratar-se de um vasto programa, passando agora a ter uma intervenção com o foco nas questões climáticas. Indicou que nesta parceria a UE elege o diálogo como a melhor ferramenta para se aferir quais são as necessidades, os problemas e os desafios, de modo a trabalhar juntos para o alcance dos objectivos.

Segundo o governador Luís Nunes, a colaboração da UE, permitiu a Huíla beneficiar de mais de 90 projectos sociais. Destes, destacou o Fresan, o de Revitalização do ensino técnico e de formação profissional (Retfop), Nascer com registo, os projectos Justiça para as Crianças e água para as populações.

## VARIAÇÃO HOMÓLOGO

## PIB recua 5,8% no III trimestre de 2020

produto
interno
bruto, em
volume encadeado, do
terceiro trimestre de

2020, face ao período homólogo, registou uma queda de 5,8%, mas em comparação com o segundo trimestre do mesmo exercício assinalou um crescimento de 2,7%.

Para este desempenho, contribuíram o comércio com 1,6%, os serviços imobiliários e aluguer com 0,7%, a indústria transformadora com 0,6%, a agropecuária com 0,2% e outros serviços com 0,3%.

A construção com -1,3%, extracção e refinação do petróleo bruto e gás natural -0,8%, extracção de diamantes -0,2%,



pescas -0,2% e telecomunicações -0,1% são as actividades que contribuíram negativamente para a evolução do PIB no período.

O Instituo Nacional de Estatística refere, no entanto, em nota, que o valor acrescentado bruto da agropecuária aumentou 3,1%, no terceiro trimestre de 2020, contribuindo positivamente em 0,2 p.p., na variação total do PIB. Uma variação, explica o INE, que se deve ao aumento da produção dos principais indicadores da agropecuária.